

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PAULA GOULART SANTOS

**TRA(U)MAS E TEMPOS:
O HOMEM, OS SENTIMENTOS MORAIS E A
MODERNIDADE NO LIVRO “O SONHO DO CELTA” DE
MARIO VARGAS LLOSA.**

UBERLÂNDIA
2016

PAULA GOULART SANTOS

**TRA(U)MAS E TEMPOS:
OS SENTIMENTOS MORAIS, O HOMEM E A
MODERNIDADE NO LIVRO “O SONHO DO CELTA” DE
MARIO VARGAS LLOSA.**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial obrigatória para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacy Alves Seixas

SANTOS, Paula Goulart Santos (1991)

Tra(u)mas e Tempos: Os sentimentos morais, o homem e a modernidade no livro “O Sonho do Celta” de Mario Vargas Llosa

Paula Goulart Santos – Uberlândia, 2015.

77 fls.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacy Alves Seixas.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras-Chaves: Sentimentos Morais, História, Literatura, Modernidade, Mario Vargas Llosa

PAULA GOULART SANTOS

**TRA(U)MAS E TEMPOS:
OS SENTIMENTOS MORAIS, O HOMEM E A MODERNIDADE NO
LIVRO *O SONHO DO CELTA* DE
MARIO VARGAS LLOSA.**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jacy Alves Seixas (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof.^o Dr.^o Gilberto César de Noronha
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Ms. Suelen Caldas de Sousa Simião
Universidade de Campinas – UNICAMP

*Aos “eus” e
“outros” do
mundo todo.*

AGRADECIMENTOS

PRIMEIRAMENTE GOSTARIA de agradecer à minha família, a minha mãe Thâmara, pela dedicação, apoio e por todos os ensinamentos que me fizeram ser a mulher e pessoa que hoje sou, por juntas compreendermos os ensinamentos da vida e assim compartilhamos nossos acertos, erros, crescendo sempre, obrigada por ser um exemplo que me faz buscar a felicidade e o respeito sempre. Ao meu pai Paulo, pela amizade, por todas as conversas que nos faziam perder a noção de tempo, por todas as palavras que carrego até hoje comigo, pelos bons e maus momentos que solidificaram nossa relação de pai e filha e o amor que a permeia. Aos meus avós, Taquinho, o homem da minha vida, exemplo de honestidade, perseverança, altruísmo e dignidade, ao qual desejo algum dia alcançar, à minha avó Julinha, por todos os cuidados, conversas, almoços, lanches e brincadeiras, sua coragem me faz mais forte, e a Nanina, que mesmo distante conseguiu me fazer valorizar os bons momentos, a serenidade e a união familiar. Aos meus irmãos, os melhores “shadows” do mundo, Gabriel e Caio, por cada brincadeira (e briga) compartilhada, parceiros de uma vida toda, o lugar de vocês estará sempre reservado (menos quando eu falar “meu lugar, meu canal” primeiro), sem a presença de vocês, pouco do que sou hoje restaria e toda a minha vida perderia a graça. Aos meus tios e tias Rodrigo, Rosane, Sandrinha, Helinho, Dorislene, Tadeu, Balila e Wilson e a todos os meus primos, em especial à minha prima-irmã Yasmmin, a qual a rotina acadêmica fez questão de aproximar de minha vida, com quem compartilho as loucuras, espontaneidades e histórias, obrigada por sempre estar comigo.

À professora Jacy Alves Seixas que me orientou e assim se fez imprescindível para a conclusão deste trabalho, obrigada pela paciência, pelos abraços, palavras de apoio, pelas aulas maravilhosas, será sempre um exemplo profissional e pessoal que levarei comigo, suas palavras, de forma subjetiva, permeiam esta pesquisa e todos os escritos que materializam minha vida. Só tenho a agradecer por nossas trajetórias terem se cruzado.

Um agradecimento especial aos professores que fizeram parte de minha graduação, professor Gilberto, pelas conversas (nada) literais, profundas e filosóficas, pelas ideias e questões que encaminharam esta e tantas outras pesquisas e pensamentos, o sertão nunca será o mesmo para mim, assim como a Literatura. À professora Carla, pelas prosas e momentos que mantinham um clima “quase familiar”, por toda a confiança e bons momentos que me proporcionou. À Priscilla, pela doçura, graciosidade e por, em pouco tempo de convivência, deixar uma saudade tão grande. Ao professor Deivy, por suas aulas inspiradoras que me fizeram descobrir caminhos de pesquisa e leituras diversas que auxiliaram em minha formação, pelo seu caráter e postura profissional. Agradeço também a todos aqueles que, de

alguma forma, me “aguentaram” pelos corredores ou em sala de aula, pelas boas conversas e brincadeiras, professor Alexandre, Florisvaldo, Jean, Valéria, Leandro, Antônio Almeida, Maria Andrea, Dilma, Jorgetânia, Guilherme... a presença de todos, não apenas em sala de aula, mas durante este longo e lento percurso de formação me inspiraram e transformaram o corredor do H um bom lugar para se “viver”. Aos técnicos, Cristina, Luciana e Luiz, por guardarem objetos perdidos, auxiliarem na temida matrícula, pelos café no meio da tarde e pela compreensão sempre que eu necessitava de ajuda.

Aos grandes amigos de tempos remotos, Luana e Lorena, vizinhas, amigas e “irmãs de outra mãe” por me agradecerem com sua presença, fazendo minha infância se tornar uma grande aventura que permanece até os dias de hoje, aos amigos do colegial, Iasmin, Larissa, Kassyo, Mirela, Will, vocês estarão sempre em minha memória, pois os 30 anos já estão virando 20 e a união prevaleceu e prevalecerá. Aos amigos da graduação, Lucas Reis, Parmindo, Olávio, Arielle, Jéssica, por fazerem dos momentos entre os corredores e as escadas mais divertidos. A Renata pelo carinho, amizade e palavras sinceras seu apoio e seu exemplo estarão sempre em minha memória e em minhas ações. A Lays, pelo tempo que passamos juntas. Ao Felipe Pasqua, pelos cafés e conversas agora que se estendem a São Paulo e, logo não será mais tão distante assim. Aos amigos de outras paragens Gabi, por nunca dividir seu cupcake comigo, Lorena por sempre me fazer rir com sua expressão blasé, viradas de olhos e por sempre estar de coração aberto para conversar, aconselhar e não deixar que o mundo pese tanto em nossas costas, ao Gah, amigo antigo, pacote, que se faz novo, pelas cervejas na calçada do mercado, caronas, papos e por ser estranho - mas essencial. A Thaís pelas melhores risadas do mundo e por dividir comigo o signo, pontualidade e as palhaçadas, ainda mais com essa risada que sempre triplica o tempo das minhas gargalhadas, a Rhaysa por, de uma forma ou outra, ter me mostrado um caminho diferente ao qual eu já tinha desistido, e que mesmo distante, se tornou tão próxima (principalmente às terças), a Pammy, pelas loucuras e espontaneidades que curam qualquer dia ruim, a Kira, pela sinceridade e sempre querer o meu melhor, por me fazer enxergar o mundo e entender o meu lugar nele, por aguentar meus vídeos e sempre rir, por me aceitar como sou.

Aos amigos improváveis, Bebel, por deixar que eu me refugiasse na sua casa tantas vezes, pelos papos regados a cigarro, cerveja e músicas “do nosso tempo”, por dividir comigo a crise dos 25, o desespero com o futuro e ainda sim rir de tudo isso. A Valentina, pela força e exemplo de mulher que você é, por me fazer sentir com medo e acolhida ao mesmo tempo, por dividir questões da vida, mesas de bares e histórias sensacionais. Ao Tom, pela calma, por

todas as vezes que se dispôs a ajudar quando necessitei, ao Agenor, por pensar em piadas tão ruins quanto as minhas e dividir as risadas, mesmo quando ninguém mais está rindo, por todos os abraços carinhosos, vou continuar te dando broncas, mas todas com carinho e admiração pelo coração enorme que você possui. Ao Stiven, por ser o estranho mais maravilhoso de todos, sempre estar lá no bar pronto para me ouvir, me aconselhar, pelos momentos de risadas abruptas, todos os cigarros que já te dei não chegam a 1% da alegria que você transmite para mim (mesmo com seus dramas). A Hass, pelas noites de conversas e risadas, ao Dente por sempre trazer uma leveza e alegria aos momentos que passamos juntos. E a todos os outros loucos que encheram meus dias de alegrias, pelo apoio, brincadeiras, e momentos que compartilhamos e nunca sairão de minha memória: Ralf, Alex, Ícaro, Júlia Miranda, Ana Alice, Rhaíssa, Tedeschi, Jamal, Priscila, Renatinha, Raphael, Júlia Lima, Mareê, Yuki... todos vocês fazem parte da minha vida, e são essenciais!

De forma especial, a SUELES, por ser minha pessoa (apesar de você nunca entender isso), por sempre estar ali, com uma frase realista acompanhada de uma Coca-Cola, para evitar maiores traumas, por dividir dias de estudo, revolta, crítica, alegrias e falta do que fazer, por nunca aceitar meus abraços, e mesmo assim me fazer abraçar mais. Por ser a companhia perfeita de escadas e das viagens, que permaneçam as tradições e multipliquem-se os encontros. Dividir a experiência da graduação com você foi mais do que especial, foi imprescindível.

Ao Diniz, por, inesperadamente surgir em minha vida, com todo esse amor e essa conexão de ideias, sentimentos e sonhos. Obrigada pela noite de Sol e pelo dia de Lua, por me fazer enxergar um lado da vida que antes estava obscuro, por me fazer feliz e por dividir comigo todos esses dias de aprendizado eterno. Que os sonhos continuem vivos em nossas vidas!

Obrigada aos colegas que passaram e não ficaram, às pessoas que de alguma forma, através de seus erros me fizeram crescer, a aqueles que me deram novas chances de acertar e me descobrir, e todos os que passaram e deixaram marcas, seja na vida, seja na alma, seja no dia.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho procura analisar, a partir do livro “O Sonho do Celta” de Mario Vargas Llosa, a transformação do homem no século XIX e de seus sentimentos morais. Para isso, discutimos sobre a construção do romance e do personagem principal Roger Casement em seus diversos momentos de vida e as facetas que incorpora. Como consequência, para tal análise também se fez necessário a discussão sobre a relação Literatura-História, a presença do homem na modernidade e as máscaras sociais, desenvolvendo proximidade com os conceitos de alteridade, de “eu” e “outro”. Assim buscando compreender, através da Literatura a (re)construção de sentidos e noções históricas, que até hoje, em constante mudança, afeta a relação entre os seres humanos.

Palavras-chave: História, Literatura, Sentimentos Morais.

*Às vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade
E é como se agora este pobre, este único, este
efêmero instante do mundo
Estivesse pintado numa tela,
Sempre...*

Mário Quintana

SUMÁRIO

Resumo	10
Prólogo	13
Introdução	33
Capítulo I:	
Intersecções: Os (des)encontros entre Literatura e História	37
1.1 – Clío e Calíope: o(s) lugare(s) da Literatura na História	39
1.2 – Literatura, uma estranha instituição: Derrida e as questões literárias	46
1.3 – Romance: um canto libertador ou dependente?	51
Capítulo II:	
Roger Casement: o eu, o outro e o íntimo	58
2.1 – Os encontros com o Outro	59
2.2 – A condição humana de Casement	65
Considerações finais	71
Epílogo	74
Referências bibliográficas	76

PRÓLOGO

“Solene, terreno, imenso
Perene, pequeno, humano”

A Causa e o Pó - Lenine

O Sonho do Celta, romance de Mario Vargas Llosa, publicado em 2010,¹ narra a vida de Roger Casement, de sua infância à sua morte. O enredo se desenrola motivado pelos lugares e encontros que fazem parte da jornada do personagem principal. Assim o livro é construído a partir de capítulos: “O Congo”, “A Amazônia” e “Irlanda”. No interior de cada capítulo temos uma sobreposição de tempos: o presente - o livro se inicia com Casement já preso, aguardando sua sentença; e o passado - o retorno à sua infância e a cada lugar que intitula os capítulos: lembranças? Memórias?

Seguindo esta forma que o livro possui, decido por sintetizar a narrativa do livro partindo destes *lugares* e dos encontros que cada um proporcionou. Separo assim o passado do presente (assumindo um método rigidamente historiográfico?) e discutirei Roger Casement a partir do meu olhar e leitura. Fiquemos, em suma, com um resumo dividido em quatro partes: “A infância”, “O Congo”, “A Amazônia” e “Aa Irlanda”.

1. A Infância

Roger Casement nasceu em setembro de 1864, durante a infância morou na Irlanda com seu pai “capitão Roger Casement”, do Terceiro Regimento de Dragões Ligeiros, da Índia, e sua mãe Anne Jephson, uma mulher católica que assim se manteve secretamente após ser obrigada a se converter ao protestantismo quando se casou com o capitão, fato este que fez com que Casement fosse batizado na Igreja Católica.

O primeiro interesse que Roger Casement se lembra na infância era de ouvir as aventuras e batalhas, na Índia e no Afeganistão, vivenciadas por seu pai. “Mas não eram os feitos de armas o que mais deslumbrava Roger, e sim as viagens, abrir caminhos em paisagens nunca antes pisadas pelo homem branco, as proezas da resistência física, vencer os obstáculos da natureza” (LLOSA, 2011, p.18). Este era o momento de proximidade que Roger possuía com seu pai.

¹ LLOSA, M. V. *El sueño del celta*. Buenos Aires: Alfaguara, 2010.

Quando sua mãe falece, aos 9 anos de nosso personagem, a família é desestruturada, principalmente o marido, que se distancia do ambiente familiar antes definido por Casement. O capitão morre três anos depois, e Roger passa a morar com a família paterna, mesmo que com sua família materna possuísse mais intimidade.

O desejo por aventura continua vivo em Casement, que agora vê em seu tio materno o modelo que via em seu pai. Aos 15 anos se muda para Liverpool, para trabalhar, como mensageiro, em uma empresa naval inglesa, através da influência do tio, e seu esforço logo foi recompensado. “Sua paixão pela África e seu esforço para se firmar na companhia o levaram a ler com cuidado, fazendo mil anotações, os folhetos e publicações, que circulavam no escritório, relacionados com o comércio marítimo entre o Império Britânico e a África Ocidental. Depois, repetia convicto as ideias que impregnavam esses textos. Levar produtos europeus à África e importar as matérias-primas que o solo africano produzia era, mais que uma operação mercantil, uma iniciativa em prol do progresso de povos parados na pré-história” (LLOSA, 2011, p.23)

2. O Congo

Roger Casement acreditava fielmente na positividade do encontro entre os europeus e africanos. Além da aventura de conhecer novos lugares, conseguia entender estas ações como heroicas, já que “salvavam” o povo africano da ignorância, do pecado e da barbárie e lhes apresentavam o progresso europeu, a real “civilização” e religião, tudo isto através da movimentação comercial. “O comércio levava para lá a religião, a moral, a lei, os valores da Europa Moderna, culta, livre e democrática, num progresso que acabaria por transformar os desventurados das tribos em homens e mulheres do nosso tempo.” (LLOSA, 2011, p.24)

Após três expedições à África, Casement desiste de seu emprego e avisa sua família que iria para a África. Em 05 de Junho de 1903 Casement faria a viagem que mudaria sua vida. Roger já havia servido em três locais diferentes: Nigéria, Maputo [Moçambique] e Angola e assumiu o cargo de Cônsul da Grã-Bretanha, e foi autorizado a fazer uma expedição nas aldeias do Congo belga, justificando que eram nestes locais que ocorriam as explorações que Casement reportava ao Ministério das Relações Exteriores. Foi autorizado a “verificar no próprio terreno o que havia de verdade nas denúncias sobre as

iniquidades cometidas contra os nativos no Congo de Sua Majestade Leopoldo II, o rei dos belgas, feitas pela Sociedade para o Amparo dos Indígenas, em Londres, e algumas igrejas batistas e missões católicas na Europa e nos Estados Unidos.” (LLOSA, 2011, p.31)

Esta terceira viagem foi adiada por dois anos, devido a um ataque de malária que Casement sofreu, e é entre febres que este relembra de suas primeiras viagens pela África, acompanhado do controverso Henry Morton Stanley, e nesse retorno febril ao seu passado, analisa sua “cegueira” diante do objetivo das viagens, da imagem de Stanley e do rei dos belgas – estas que havia idealizado partindo do que acreditava ser o objetivo de tudo:

“ainda convicto de que, fazendo aquilo que faziam, ele, os quatrocentos carregadores, guias e ajudantes africanos, os vinte brancos – ingleses, alemães, flamengos, valões e franceses – que compunham a expedição e, é claro, o próprio Stanley eram a ponta de lança do progresso neste mundo onde ainda estava despontando a Idade da Pedra que a Europa tinha deixado para trás muitos séculos antes.” (LLOSA, 2011, p.34)

Stanley, aos olhos de Casement, ainda era visto como “um desses personagens dos mitos, das lendas que movidos pela temeridade, o desprezo à morte e à ambição, pareciam ter ultrapassado os limites do humano”² (LLOSA, 2011, p. 41). Mas carregava também uma obscuridade a partir da observação de suas ações durante a expedição:: “Stanley e seus companheiros tinham que explicar a esses chefes tribais seminus, tatuados e emplumados, às vezes com espinhos enfiados nos rostos e nos braços, às vezes com funis de carriço³ nos falos, as intenções benévolas dos europeus: eles vinham ajudar a melhorar suas condições de vida, libertá-los de pragas como a mortífera doença do sono, educá-los e abrir seus olhos para as verdades deste mundo e do outro, e graças a isso os seus filhos e netos teriam uma vida decente, justa e livre.” (LLOSA, 2011, p.35) e esta explicação não era concebida, e sim uma atuação através do contato com os nativos – a assinatura de contratos de exploração não compreendidos pelos indígenas, a entrega de presentes e construção de falsos laços de amizade entre Stanley e estes.

² Aquiles?

³ Planta ciperácea, muito comum à margem dos brejos, onde forma tufos com suas folhas cortantes; canabava.

“Roger chegava a conclusão de que o herói da sua infância e juventude era um dos trapaceiros mais inescrupulosos que o Ocidente excretou sobre o continente africano.” (LLOSA, 2011, p.36)

Roger acompanhou os plurais e crescentes casos de violência, e também do que caracteriza como símbolo da colonização: o chicote, símbolo, pois “sua simples posse pelos membros da Força Pública tinha um efeito intimidatório: os olhos dos negros, das negras e dos negrinhos se arregalavam quando o reconheciam” (LLOSA, 2011, p.47).

Presencia o crescimento da empresa colonizadora: as cidades, igrejas, hospitais. A visão de Roger sobre a colonização muda radicalmente, a ponto de entrar em conflito com aqueles que utilizavam da violência. Como o tenente Francqui, o qual estava chicoteando um garoto, e ao ver a cena, Roger o impede de continuar e acaba quase levando um tiro do tenente.

Mesmo reconhecendo a sua ingenuidade referente à relação europeu-nativo/colonizado, e deixando claro por onde passava sua aversão à violência da colonização, Casement ainda compreendia como positivo os outros aspectos da colonização, como “trabalhar com Stanley na ferrovia, embora exigisse um esforço físico enorme, lhe devolveu a fantasia que o trouxera à África. (...) eram horas de concentração com o sentimento de estar fazendo uma obra que beneficiaria igualmente europeus e africanos, colonizadores e colonizados.” (LLOSA, 2011, p.53)

As dificuldades no trabalho de Casement surgem quando os líderes nativos, agora sabendo o que realmente ocorria nas expedições para as quais liberavam seus homens, impediam ao máximo que estes participassem, gerando as expedições punitivas: recrutamento forçado, cárcere das mulheres como reféns para garantir que não ocorressem fugas dos maridos. E Casement passa a negociar com os nativos, e recebeu a fama de “amigo dos negros”.

“Essas visitas às tribos causavam em Roger um mal-estar que foi aumentando com o passar dos anos. A princípio ele ia de boa vontade, porque assim satisfazia a curiosidade de conhecer um pouco dos costumes, línguas, trajes, usos, comidas, danças, cantos e práticas religiosas desses povos (...). Ele saía dessas negociações com um mal-estar indefinível, a sensação de estar jogando sujo com aqueles homens de um outro tempo, que, por mais que se esforçassem, nunca poderiam entendê-lo de fato e, por isso mesmo, apesar dos cuidados que tomava para atenuar os acordos abusivos, com a consciência

pesada por ter agido contra as próprias convicções, contra a moral e contra o ‘princípio primeiro’, como ele chamava Deus.” (LLOSA, 2011, p.54)

Assim, em 1888, Roger se demite e passa a trabalhar na missão batista de Ngombe Lutete, com os Bentley. Tomou esta decisão depois de uma longa conversa com Theodore Horte – que já em 1902 não havia esquecido nenhum detalhe – se sentiu próximo do pastor Horte para abrir e compartilhar questões que ocultava de seus outros colegas.

“Preocupações, angústias, dúvidas que escondia como se fossem coisas vergonhosas. Teria sentido tudo aquilo? A aventura europeia na África era mesmo o que se dizia, o que se escrevia, o que se pensava? Trazia a civilização, o progresso, a modernidade mediante o livre-comércio e a evangelização? Podiam ser chamados de civilizadores aqueles animais da Force Publique que roubavam tudo o que podiam nas expedições punitivas? Quantos, entre os colonizadores – comerciantes, soldados, funcionários, aventureiros -, tinham algum respeito pelos nativos e os consideravam irmãos, ou, pelo menos, humanos? Cinco por cento? Um de cada cem?” (LLOSA, 2011, p.55)

Roger Casement se entendia como um laico, sem muita aproximação com a religião, passou a admirar o trabalho do casal Bentley, convertendo os nativos à religião cristã. Mas continuar trabalhando ali, só fazia sentido acompanhado desta fé pregada no ambiente. Assim no fim de 1889, retorna à Inglaterra.

Em 1903 retorna à África, surpreendendo-se pela transformação da paisagem, alguns trechos os quais, no passado, havia passado um tempo de suas viagens, hoje estavam desertos.

“As explicações dos agentes do governo, dos empregados das companhias seringalistas e dos oficiais da Force Publique eram as mesmas: os negros morriam como moscas por causa da doença do sono, da varíola, do tifo, dos resfriados, das pneumonias, das febres palúdicas e outras causas que, por causa da má alimentação, dizimavam seus organismos não preparados para resistir às doenças. (...) Mas a essa altura da viagem, Roger Casement ainda perguntava a

razão do despovoamento do Congo, não em busca de respostas, mas para confirmar que as mentiras que ouvia não passavam de chavões repetidos por todos. Ele sabia muito bem a resposta. A praga que tinha volatilizado boa parte dos congoleses do Médio e Alto Congo era a cobiça, a crueldade, a borracha, a desumanidade do sistema, a exploração implacável dos africanos pelos colonos europeus.” (LLOSA, 2011, p. 73).

Casement, nesta jornada, não mais estava a cargo das empresas ligadas ao comércio nos territórios africanos, ele representava a coroa britânica, e tinha a missão de gerar um relatório sobre o que ocorria nestas terras, e denunciar qualquer tipo de violência, principalmente ligada à Force Publique.

“No terceiro dia de viagem, em Bolobo, onde também havia uma missão da Sociedade Batista Missionária, ele teve a primeira antecipação do que o esperava. Do grupo de missionários batistas, quem mais

o impressionou, por sua energia, inteligência e simpatia, foi a doutora Lily de Hailes. Alta, incansável, ascética, loquaz, ela estava havia catorze anos no Congo, falava vários idiomas locais e dirigia um hospital para nativos com tanta dedicação quanto eficiência.” (LLOSA, 2011, p.75).

Após a visita ao hospital, e ter contato com os nativos castigados pelo chicote e torturados de maneiras intensas e horríveis, mais tarde, no mesmo dia, iria encontrar-se com o capitão Pierre Massard, conhecido pelos seus atos violentos e cruéis contra os nativos. Massard foi o primeiro de vários oficiais da Force Publique, além de belgas, italianos, franceses e alemães, que Casement ouviu. Aos poucos os próprios nativos, ao saberem de sua chegada, iam até ele e contavam sobre o que sofriam, acreditando que Roger era a personificação da resolução de seus problemas.

“Em todas aquelas semanas resistiu ao cansaço, às dificuldades naturais e às inclemências do tempo sem se intimidar, num estado de febre espiritual, como se estivesse enfeitiçado, porque a cada dia, a cada hora, tinha a impressão de estar mergulhando em camadas mais profundas de sofrimento e de maldade.

Seria assim o inferno que Dante descreveu em sua Divina Comédia?” (LLOSA, 2011, p.81)

Roger Casement reunia todas as informações possíveis, dialogando com oficiais, estrangeiros que ali estavam, nativos, missionários, não mais acreditava na colonização como a que traria progresso, civilização, cristianismo e o livre-comércio para a África. “Como era possível que a colonização tivesse se transformado nesta horrível rapina, nesta crueldade vertiginosa em que gente que se dizia cristã torturava, mutilava, matava seres indefesos e os submetia a crueldades tão atrozes, mesmo as crianças e os velhos? Os europeus não tinham vindo para cá acabar com o tráfico negreiro e trazer a religião da caridade e da justiça?” (LLOSA, 2011, p.93).

Roger Casement, mesmo cansado, esforça-se em terminar sua missão no Congo, mas adianta em duas semanas sua volta a Leopoldville [capital do então Congo belga]. Sentia-se enlouquecendo com tantos meses nos quais presenciou a violência no Congo. Pensou na Irlanda, o país em que nasceu. “Por acaso a Irlanda também não era uma colônia, como o Congo?” (LLOSA, 2011, p.96). Em seu retorno, ainda em Luanda [capital de Angola], se recuperando, tenta iniciar o trabalho de escrita; na Inglaterra o assunto já havia tomado grandes proporções com as denúncias feitas pela mídia, e seu relatório ganhara maior importância.

Recuperando sua energia na volta a Londres, Casement inicia a escrita, “ele procurava redigir com a maior precisão e sobriedades possíveis, sem cair em sentimentalismos nem em considerações subjetivas, descrevendo com objetividade só aquilo que tinha constatado. Quanto mais exato e conciso fosse, mais persuasivo e eficaz.” (LLOSA, 2011, p.100).

Ao chegar a Londres, Casement percebe que assumira uma posição de importância, o papel que lhe foi designado no Congo, unido às denúncias da Igreja Batista e a campanha de Edmund D. Morel⁴, se torna o centro das atenções em terras londrinas. Em seus encontros com Morel, acabam por idealizar uma fundação de apoio ao Congo, que recebeu um apoio enorme de políticos, jornalistas, escritores, religiosos e figuras conhecidas, e assim Roger conhece Alice Stopford Green, com quem manteria uma grande amizade. A fama acaba por perturbar Casement, que, após entregar seu relatório aos seus superiores, decide voltar à Irlanda e visitar sua família paterna.

⁴ Edmund D. Morel mantinha contato com Casement através de cartas, fazia uma campanha contra a violência existente no Congo.

3. A Amazônia

Após passar um ano e meio na Irlanda, ter seu relatório sobre o Congo publicado e ser visto tanto como herói quanto como pária, Casement, após um período como Cônsul Britânico no Brasil, é convidado a participar de uma comissão de investigação das atividades realizadas na Amazônia Peruana pela companhia *Peruvian Amazon Company*,

“na Inglaterra, na Europa, houve denúncias de atrocidades que teriam sido cometidas contra índios – explicou, com calma – Tortura, assassinatos, acusações muito graves. A principal companhia seringueira da região, a *Peruvian Amazon Company*, do senhor Júlio C. Arana, é, como o senhor deve saber, uma companhia inglesa, registrada na Bolsa de Londres. Nem o governo, nem a opinião pública tolerariam na Grã-Bretanha que uma companhia inglesa violasse assim as leis humanas e divinas. A razão de ser da nossa viagem é investigar o que há de verdade nessas acusações.” (LLOSA, 2011, p.131)

Roger Casement chegou em Iquitos, capital da Amazônia peruana, em agosto de 1910, encontrou-se com as autoridades da cidade enfrentando sua missão de denunciar o que ocorria pela região sem medo destes que o recebiam. Os representantes da *Peruvian Amazon Company* definem como absurdas as denúncias sobre as quais Casement comenta, e se colocam ao dispor da Comissão para esclarecer o que for necessário. Aproveitando-se da falsa disponibilidade expressa por estes senhores, Casement pergunta sobre o jornalista Saldaña Roca – um dos denunciantes das atrocidades que Casement foi investigar. A reação de todos na mesa é de expurgo⁵ e logo se descobre que Roca está desaparecido, e em meio a acusações ao jornalista de todos os convidados presentes, Casement percebe que Saldaña Roca estava morto, assassinado por tentar fazer justiça.

⁵ Afastamento (de um ou vários indivíduos) de uma coletividade, por questões políticas, doutrinárias etc. O mesmo que expurgação

“Apesar de tão distantes, pensou mais uma vez Roger Casement, o Congo e a Amazônia estavam unidos por um cordão umbilical. Os horrores se repetiam, com variantes mínimas, inspirados pelo lucro, pecado original que acompanhava o ser humano desde o nascimento, segredo inspirador de suas infinitas maldades. Ou havia algo mais? Será que o diabo tinha vencido a eterna batalha?” (LLOSA, 2011, p.139)

Casement inicia a investigação interrogando algumas pessoas, entre elas Eponim Thomas Campbell, barbadiano que trabalhava a sete anos como capataz em uma das estações de Putumayo. Seu depoimento expõe crueldades extremas praticadas por seu patrão, o senhor Armando Normand, e as atrocidades cometidas por este. Mais dois barbadianos foram ouvidos por outros companheiros da Comissão, e os relatos foram tão horrorizantes quanto os de Eponim.

Após esta primeira leva de interrogatórios, a comissão foi recebida pelo prefeito Rey Lama, e durante a conversa algumas questões são colocadas em debate, como a submissão dos funcionários públicos à Peruvian Amazon Company:

“Aqui não é a culta e próspera Inglaterra, senhores – murmurou pesaroso o prefeito. Tinha um copo de água na mão e o esvaziou com um gole só. – Se uma pessoa leva meses para chegar de Lima até aqui, os pagamentos dos magistrados, autoridades, militares, funcionários demoram ainda mais. Ou, simplesmente, não chegam nunca. E como a gente sobrevive enquanto espera seus salários? (...) A Companhia do senhor Arana⁶ adianta os salários dos funcionários em forma de empréstimo. Essas quantias têm de ser devolvidas, a princípio, com juros módicos. Não é um presente. Não há suborno. (...) Mas mesmo assim é natural que magistrados que vivem graças a esses empréstimos não sejam totalmente imparciais quando se trata da Companhia do Senhor Arana.” (LLOSA, 2011, p.147)

Após esta primeira vista, Casement e a comissão seguem para a sede da Peruvian Amazon Company, conversar com Pablo Zumaeta e Julio Arana. Ambos

⁶ Senhor Julio Arana, é o diretor da Peruvian Amazon Company.

estavam preparados, oferecendo todo o apoio necessário na expedição à Putumayo, e lhes entregam uma papelada referente às regras de conduta que a companhia adota no que diz respeito ao tratamento dos nativos que trabalham para a mesma. Ao mesmo tempo em que falava sobre estas regras, Zumaeta deixava claro uma “dificuldade” em tratar bem os indígenas, expondo os costumes das tribos como selvageria e anticristãos.

“Roger se sentia transportado no espaço e no tempo para o Congo. Os mesmos horrores, o mesmo desprezo pela verdade. A única diferença era que Zumaeta falava em espanhol e os funcionários belgas em francês. Negavam com a mesma desenvoltura o que era evidente porque ambos achavam que coletar borracha e ganhar dinheiro era um ideal dos cristãos que justificava as piores maldades contra esses pagãos que naturalmente, sempre eram antropófagos e assassinos de seus próprios filhos.” (LLOSA, 2011, p. 153)

Partiram de Iquitos no dia 14 de setembro de 1910, a viagem foi longa, e quando chegaram, Juan Tizón já estava lá para recepcioná-los, “os comissionados pensaram que a verdadeira razão da viagem de Tizón ao Putumayo era esconder as marcas dos abusos e apresentar a eles uma imagem maquiada da realidade.” (LLOSA, 2011, p.184)

Nos primeiros dias, Casement, hospedado no acampamento de La Chorrera, buscou conversar com mais capatazes, mesmo o primeiro negando as acusações relatadas, os outros se dispuseram a contar o que ocorria nesta área. O relato é chocante, até para Roger Casement, que já havia visto de perto o sofrimento dos nativos na África.

Durante o jantar, Casement confronta Tizón, perguntando sobre as cicatrizes nos indígenas, e questionando o desaparecimento dos índios que foram marcados a fogo com as iniciais C e A (Casa Arana), que fazem parte dos relatos dos capatazes. Tizón se desorienta e não aceita tal afronta:

“Roger pensou que Juan Tizón provavelmente acreditava naquilo que dizia. Um bom homem que em Iquitos, Manaus, Lima ou Londres não sabia nem queria saber o que se passava aqui. Devia amaldiçoar a hora em que Julio C. Arana teve a ideia de manda-lo fazer esta tarefa ingrata e passar mil desconfortos e aborrecimentos neste buraco do fim do mundo.” (LLOSA, 2011, p. 190).

Após tal desentendimento, Casement sugere que Tizón estivesse presente quando a comissão fosse ouvir os capatazes, o que é recebido com desconfiança, mas ocorre até com maior intensidade e descrição dos fatos por parte dos informantes.

“Juan Tizón permaneceu mudo, sentado atrás deles, sem abrir a boca. Tomava notas em umas cadernetas pequenas. Nos primeiros dias, depois dos interrogatórios, tentou minimizar e questionar as informações referentes a torturas, assassinatos e mutilações. Mas a partir do terceiro ou quarto dia, se operou nele uma transformação. (...) No quinto dia, enquanto tomavam um drinque antes do jantar, explodiu. Com os olhos injetados, dirigiu-se a todos os presentes: ‘Isto aqui vai além de tudo o que eu podia imaginar. (...) Estou tão horrorizado quanto vocês. Fiquei doente com as coisas que ouvimos. É até possível que haja exageros nas denúncias desses barbadianos, que eles queiram agradar vocês. Mas, mesmo assim não há dúvida, aqui se cometeram crimes intoleráveis, monstruosos, que devem ser denunciados e castigados. Eu juro que...” (LLOSA, 2011, p.195)

Tizón não completa sua fala, mas, mesmo defendendo a Companhia de Arana, passa a colaborar com as investigações, considerado mais um membro da Comissão.

No dia 28 de setembro os membros da Comissão saem de La Chorrera e rumam a Occidente, outro acampamento, menor, e mais protegido contra uma possível invasão colombiana no território. Durante a noite se depararam com um grande número de nativos, com o corpo coberto por cicatrizes. Já no outro dia pela manhã, enquanto começavam a conhecer todo o processo de exploração, descobriu-se que as balanças estavam adulteradas. O cepo – máquina de tortura, que, em La Chorrera, estava escondido, aqui se encontrava no centro do descampado; Casement experimenta a sensação de ficar preso na máquina.

Fidel Vilarde, chefe do Occidente, tratava todos com um cinismo e deboche aparente, deixava claro seu desprezo pelos indígenas, e após saberem de seus atos violentos, os membros da comissão cogitaram ir embora de tais terras, e finalizar os relatórios na Inglaterra, devido ao peso daquele ambiente hostil. Casement consegue convencer os colegas da necessidade de escrever o relatório nas terras peruanas, para

assim obter mais detalhes, e fazer com que tal documento tivesse um peso ainda maior perante as autoridades inglesas.

Casement e a comissão, seguidos por Juan Tizón, alguns barbadianos e indígenas, continuavam sua expedição, passando por outras estações de exploração da borracha.

“Ele (Roger) tinha que descrever com clareza o sistema de exploração da borracha baseado no trabalho escravo e nos maus-tratos aos indígenas causados pela cobiça dos chefes que, como trabalhavam por uma porcentagem da borracha recolhida, lançavam mão de castigos físicos, mutilações e assassinatos para aumentar a produção. A impunidade e o poder absoluto tinham desenvolvido nesses indivíduos tendências sádicas que, aqui, podiam se manifestar livremente contra os indígenas privados de todos os direitos.” (LLOSA, 2011, p.205)

A viagem segue por outros acampamentos, até chegar, em outubro de 1910, o momento de ir rumo ao acampamento Matanzas, sobre o qual Casement já ouvira boatos dos atos extremos de violência praticados. O chefe deste acampamento era Armando Normand, que não demonstrava nenhum arrependimento ou, ao mínimo, fingia não comungar com os atos de violência contra os índios, assim como outros chefes fizeram.

“A antipatia que Roger sentia em relação a esse homenzinho era tão grande que decidiu não interrogá-lo pessoalmente e deixar essa tarefa para os membros da Comissão. Aquele assassino só diria uma catarata de mentiras. Preferiu ouvir os barbadianos e ‘racionais’ que aceitaram falar. Fazia isso de manhã e de tarde, dedicando o resto do tempo a desenvolver com mais cuidado as anotações que fazia durante as entrevistas.” (LLOSA, 2011, p.211)

Roger sente o cansaço lhe consumir, e prefere voltar antes da Comissão, junto com uma expedição de carregadores de borracha. Dois dias depois, com a chegada do grupo, Casement percebe a presença de Normand, amedrontado com o seu futuro e com as medidas que seriam tomadas após a publicação do relatório com todas as descobertas feitas nestas terras.

Armando Normand procura Casement para conversar, e, após escutar seu discurso ensaiado, Roger expõe as condições para que tudo se resolvesse:

“– Que não haja mais ‘correrias’ nem sequestro de indígenas – enumerou Roger, devagar, contando nos dedos das mãos -, desapareçam o cepo e os chicotes, que os índios não trabalhem mais de graça, que os chefes, capatazes e ‘rapazes’ não estuprem nem roubem as mulheres e as filhas dos indígenas, que sejam abolidos os castigos físicos e se paguem indenizações às famílias dos assassinados, queimados vivos e daqueles que tiveram orelhas, narizes, mãos e pés cortados. Que parem de roubar os seringueiros com balanças adulteradas e preços multiplicados no armazém para mantê-los como devedores eternos da Companhia. Tudo isso para começar. Porque seriam necessárias muitas outras reformas para que a Peruvian Amazon Company mereça ser uma companhia britânica. Armando Normand estava lívido e olhava para ele sem entender.

– O senhor quer que a Peruvian Amazon Company desapareça, senhor Casement? – balbuciou no final.

– Exatamente. E que todos os seus assassinos e torturadores, começando pelo senhor Julio C. Arana e incluindo o senhor, sejam julgados pelos crimes que cometeram e terminem seus dias na cadeia.

Apertou o passo e deixou o chefe de Matanzas com o rosto demudado, paralisado ali onde estava, sem saber o que dizer. Mas imediatamente se arrependeu de ter-se deixado levar pelo desprezo que aquele homem lhe inspirava. Assim ganhou um inimigo mortal que, agora, podia muito bem [falta uma palavra] a tentação de liquidá-lo. Ele lhe avisou e Normand, sem pensar duas vezes, ia agir em consequência. Tinha cometido um erro gravíssimo.” (LLOSA, 2011, p.217)

Normand acaba por pedir demissão e acompanha a Comissão no mesmo barco, o que faz Casement supor uma fuga para o Brasil. Apesar desta problemática, Roger Casement se sentia aliviado por iniciar seu retorno. Com algumas reviravoltas, Casement e a Comissão iniciam seu retorno no dia 12 de novembro, passando novamente por Iquitos, e finalmente embarcando para o Brasil, de onde voltaria para a Europa. Para Casement foi um alívio, pois

“sentiu no peito outra vez a sensação de liberdade após o desaparecimento de um grande perigo. Não um perigo físico, mas moral. Ele tinha a impressão de que, se ficasse mais um tempo naquele lugar terrível, onde tanta gente sofria de maneira tão injusta e cruel, ele também, pelo simples fato de ser branco e europeu, seria contaminado, degradado.” (LLOSA, 2011, p.227).

O que Roger Casement não esperava seria a necessidade de retornar a Iquitos

“em virtude das notícias contraditórias que chegavam do Peru, o governo britânico considerava que a única maneira de esclarecer o que estava acontecendo era que o próprio Casement voltasse a Iquitos e verificasse lá mesmo se o governo peruano tinha feito alguma coisa para acabar com as crueldades no Putumayo ou se estava usando táticas dilatórias porque não queria ou não podia enfrentar Julio C. Arana.” (LLOSA, 2011, p.247).

Casement já participava de várias reuniões, uma delas com a presença de Julio C. Arana; ele, ouviu as acusações e evidências em silêncio e logo desmentiu o envolvimento da Companhia. Outras para expor sua experiência no Peru, mas não imaginava que voltaria àquelas terras tão cedo, ainda estava se recuperando do período que passou lá e de tudo o que viu. Mas era necessário que retornasse.

Passou por Barbados e pelo Brasil, parando em Manaus, onde descobriu que a tentativa de prisão de dois foragidos de Putumayo não foi possível,

“os dois policiais que foram capturar Montt e Fonseca os conheciam e, antes de levá-los à delegacia, foram beber umas cervejas com eles. Tomaram um grande pileque, no meio do qual os delinquentes fugiram. Como não se podia destacar a possibilidade de que os policiais em questão tivessem recebido dinheiro para deixa-los escapar, eles agora estavam presos.” (LLOSA, 2011, p.262).

Sua estadia em Iquitos foi turbulenta.

“Mais tarde Roger se lembraria dessas oito semanas que passou em Iquitos como um lento naufrágio, um afundamento imperceptível num mar de intrigas, falsos rumores, mentiras flagrantes ou obliquas, contradições, um mundo onde ninguém dizia a verdade porque isso acarretava inimizades e problemas, ou então com mais frequência, porque as pessoas viviam no meio de um sistema onde já era praticamente impossível distinguir o falso do verdadeiro, a realidade do embuste.” (LLOSA, 2011, p.263).

No período em que ficou nesta cidade, Casement descobriu que nenhuma ação foi tomada frente às denúncias apresentadas em seu relatório. A violência contra os nativos permanecia, e aqueles que ajudaram no processo de investigação agora estavam desaparecidos, ou sofrendo constantes ameaças, como Rómulo Paredes, o diretor do jornal *El Oriente*, o primeiro a alertar Roger sobre o que ocorria nestas terras depois de sua partida.

“Tudo era assim. Roger sentia-se em um redemoinho adormecedor, dando voltas e mais voltas no mesmo lugar, manipulado por forças tortuosas e invisíveis. Todas as solicitações, promessas, informações se desmanchavam e se dissolviam sem que os fatos correspondessem às palavras. Aquilo que se fazia e aquilo que se dizia eram mundos separados. As palavras negavam os fatos e os fatos desmentiam as palavras, tudo funcionava na base do embuste generalizado, num divórcio crônico entre o dizer e o fazer que todo mundo praticava.” (LLOSA, 2011, p. 265).

Durante as semanas, Roger Casement indagava-se várias pessoas para descobrir o quebra-cabeças de mentiras montado logrã-lo. Encontrou com algumas pessoas que lhe alertaram sobre o perigo de estar novamente em Iquitos, aconselharam que Casement não fosse à região de Putumayo, e outros, ligados à empresa de Arana, dificultavam o processo de apresentação de documentos que comprovassem as ações tanto da empresa quanto do Peru em relação as denúncias descritas em seu relatório.

O encontro que o fez desistir de voltar a Putumayo foi com Juan Tizón, que mesmo sendo empregado de Arana, chocado com o que viu na expedição que

acompanhou, foi de grande ajuda para Roger e a comissão. Este lhe confirmou que nada foi feito. “Juan Tizón também frisou que Roger não devia voltar ao Putumayo em hipótese alguma: não ia conseguir nada exceto que o matassem, talvez com requintes num desses festivais de crueldade que ele já vira em suas andanças pelos seringais.” (LLOSA, 2011, p,270). Roger Casement escreveu um novo relatório ao Foreign Office, explicando o que descobriu nessa viagem, e em quatro dias retornou a Manaus.

Roger continuou seu trabalho de denúncia do que ocorria em Iquitos e no Putumayo, visitou Washington e, depois, retornou a Londres, participou de várias reuniões, conseguiu convencer as autoridades a publicarem seu relatório como um livro, chamado Blue Book – que causou grande comoção internacional, e acompanhou de longe a derrota de Julio C. Arana e as mudanças em Iquitos, agora novas questões estavam vivas em sua consciência.

4. A Irlanda

Ainda envolvido nas denúncias de Putumayo, Roger Casement já começara a pensar sobre sua nacionalidade e sobre a Irlanda. “Menos de duas semanas antes era um pobre diabo ameaçado de morte num hotelzinho de Iquitos, e agora, ele, um irlandês que sonhava com a independência da Irlanda, (...). A vida não tinha algo de absurdo, como uma espécie de drama que de repente vira farsa?” (LLOSA, 2011, p. 277).

Suas conversas com a amiga e historiadora Alice Stopford Green ganham uma maior frequência e intensidade voltando de Iquitos; enquanto estava em Manaus, passou boa parte da estadia lendo sobre a História e cultura irlandesas, e ao final de seu trabalho, com a saúde deteriorada, Roger é forçado a tirar férias, avolumando suas leituras sobre a História antiga da Irlanda. “O importante era que ele não queria mais viver na duplicidade, servir como diplomata a um Império que seus sentimentos e seus princípios condenavam.” (LLOSA, 2011, p.329)

Sua posição de crítica à Inglaterra e ao colonialismo e imperialismo britânicos o fez se afastar de Morel, que o tinha como um extremista. E Roger Casement não escondia sua paixão em falar da Irlanda, e o ódio pelo processo colonizador com o qual já tanto tinha se deparado.

Roger começa uma nova fase de sua vida, estreitando relações com pessoas com as quais compartilhava o desejo pela independência da Irlanda. Ao voltar para Dublin já entrou na rotina política, participando dos debates e se posicionando publicamente. A partir de um projeto político que geraria uma maior liberdade administrativa e econômica à Irlanda, e que não foi aprovado na Câmara dos Lordes inglesa por duas vezes, uma movimentação em Ulster, cidade de maioria protestante, anglófila e que defendiam ideias unionistas, Roger começou suas duras críticas a estes, denunciando a maneira como os protestantes agiam, que até o fazia sentir distante da ideia de ser protestante.

“No final de agosto se transferiu para o Ulster de sua infância e juventude, visando agrupar os irlandeses protestantes contrários ao extremismo pró-britânico de Edward Carson e seus seguidores, que, em sua campanha contra o Home Rule, treinavam uma força militar debaixo dos olhos das autoridades.” (LLOSA, 2011, p.337).

Roger cria a organização chamada *Irish Volunteers*, que defendia o armamento de seus recrutas, treinando-os e preparando-os para agir caso ocorressem ações armadas. Sua dedicação a esta organização era total, tanto nos discursos pelas cidades como em planejar as estratégias que o grupo utilizaria. A necessidade de buscar apoio financeiro e a notícia de que a polícia secreta o estava seguindo após ser fichado, fizeram Roger Casement viajar para os Estados Unidos, e sempre acreditava mais que a solução para a Irlanda era a independência.

Entre as notícias temerosas do grande suprimento de armas recebido pelos *Ulster Volunteers*, o grupo unionista chefiado por Edward Carson, surge os primeiros acontecimentos que levariam à Primeira Guerra Mundial, e que “abriria uma oportunidade excepcional para os independentistas irlandeses.” (LLOSA, 2011, p.343).

Roger chegou a Nova York em 18 de julho e hospedou-se em um hotel onde os irlandeses frequentavam. O encontro com o norueguês Eivind Adler Christensen lhe pareceu uma obra do acaso, mas este foi enviado pelo serviço de espionagem britânico. Casement se encontrou com alguns revolucionários, como o experiente John Devoy – pelo qual adquiriu grande admiração, tanto pelo seu amplo conhecimento sobre o caso irlandês quanto pelo vigor que mantinha mesmo aos setenta e dois anos, e a partir deste primeiro encontro, todas as outras viagens aos Estados Unidos, Roger estava

acompanhado de seu mais novo ajudante norueguês, Eivind Adler Christensen. “Havia comprado roupa mais apresentável para ele e o instruíra sobre a problemática irlandesa,

da qual o jovem norueguês dizia não ter a menor ideia. Era inculto, mas não era bobo, aprendia rápido e era sempre muito discreto nas reuniões entre Roger, John Devoy e outros membros da organização. Se a presença do jovem norueguês despertou neles alguma desconfiança, guardaram para si mesmos, pois em momento algum fizeram perguntas impertinentes a Roger sobre o seu acompanhante.” (LLOSA, 2011, p. 346).

Com o início da Primeira Guerra Mundial, Roger vê uma oportunidade de conseguir uma aliança com a Alemanha, contra a Inglaterra. “A Alemanha representava o futuro por não ter laços coloniais, ao passo que a Inglaterra, como a própria encarnação de um passado imperial, estava condenada à extinção.” (LLOSA, 2011, p.347). Casement inicia ações para demonstrar apoio à Alemanha, e logo necessita ir até lá, e negociar este apoio. Em 20 de Novembro de 1914, o Reich se pronuncia, autorizando a entrada da organização no campo onde reuniriam os prisioneiros de guerra irlandeses.

“O primeiro sinal de que as coisas estavam tomando rumos inesperados foi saber, pela única carta de Alice Stopford Green que recebeu em dezoito meses – uma carta que para chegar às suas mãos deu uma parábola transatlântica, fazendo escala em Nova York, onde trocou de envelope, nome e destinatário -, que a imprensa britânica havia noticiado a sua presença em Berlim. Isso provocou uma intensa polêmica entre os nacionalistas que aprovavam e os que desaprovavam sua decisão de tomar partido pela Alemanha na guerra. Alice desaprovava: dizia isso de forma taxativa. E acrescentava que muitos partidários firmes da independência concordavam com ela. No máximo, dizia Alice, podia-se aceitar uma posição neutra dos irlandeses em relação a guerra europeia. Mas fazer frente comum com a Alemanha, não. (...) Roger pensava que , se tivesse sucesso e fosse criada uma força militar para lutar pela independência da Irlanda junto com as forças alemãs, quem sabe os escrúpulos de muitos companheiros, como Alice, desapareceriam.” (LLOSA, 2011, p.351)

A Brigada Irlandesa não adquiriu muitos adeptos logo de início, a maioria dos prisioneiros de guerra não se convenciam das ideias de Casement, este que repassa confiante a existência da Brigada para a Alemanha, mas sabia que não conseguiria reunir um grande número de pessoas. Mas ainda sim conseguiram obter grande experiência, e entre seus seguidores uma lealdade tremenda.

Com a notícia de um levante a ser realizado na Irlanda por seus companheiros no dia 23 de Abril. Roger, mesmo sendo convidado a permanecer na Alemanha, resolve unir-se a eles, principalmente para impedir tal levante, por entender que este seria um sacrifício inútil. Em negociação com a Alemanha, consegue que vá em um submarino junto com Roberto Monteith, capitão que trabalhou na Brigada com Roger, e ganhara a confiança de muitos recrutas, e um representante da Brigada.

Próximo da data de partir, Roger conversou com o padre Crotty, com quem havia, desde o início da Brigada, mantido uma boa relação. Confessou-se e ambos falaram sobre o levante Irlandês, religião e Casement lhe demonstra que é responsável por ir até o final desta luta que iniciou, e lhe pede a benção.

Roger é preso, sentenciado à morte por enforcamento, por traição e por “tendências perversas” – provadas a partir da descoberta de seu diário, o qual relatava relações sexuais com vários homens, e falava de sua homossexualidade.

“Depois lhe perguntou se queria dizer alguma coisa. Negou com a cabeça, mas entre os dentes murmurou: ‘Irlanda’”. (LLOSA, 2011, p. 384).

INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se devido a inquietações a partir de uma atividade acadêmica direcionada para a disciplina de PIPE III do curso de História. Ao planejar uma atividade para alunos do ensino fundamental a partir dos painéis “Guerra e Paz”, de Portinari, decidimos por iniciar com a música “A Paz”, de Gilberto Gil, a letra desta aponta justamente apontando a contradição entre impor a guerra justificada pela busca da paz, e esta gerou um incômodo inicial.

Após algum tempo surge a oportunidade de ser bolsista do projeto “O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a Literatura? As relações de Clío e Calíope na pesquisa acadêmica brasileira (1990-2010)”⁷ e o contato com a Literatura, mesmo que de forma sistêmica como o objetivo do projeto necessitava que assim fosse, despertou novamente uma paixão antiga pela leitura literária. O encontro com pessoas que compartilhavam desta mesma paixão fez surgir o Núcleo de Debates Anti-literais, o qual reaproximou-me da Literatura – que estava abandonada, subordinada a finalização das leituras teóricas da faculdade -, além deste reencontro, abalou as definições sobre a mesma que eu já possuía, abalo que até hoje existe e acredito que assim permanecerá.

O livro *O Sonho do Celta* me foi indicado pelo gosto pela Literatura, e a leitura deste fez renascer as inquietações sobre as contradições ligadas aos sentimentos morais que permeiam a sociedade. E assim surge este trabalho, unindo duas temáticas que me acompanharam desde o início da graduação.

Antes de apresentar a temática de cada capítulo, gostaria de tratar sobre a estética desta pesquisa. Como será percebido no primeiro capítulo, as questões que permeiam meus estudos sobre Literatura ainda são instáveis, confusas e, ao mesmo tempo, instigantes. A escrita literária possui uma grande importância para mim, e compreendo-a não apenas como uma ilustração, suposta representação da “realidade”. E assim, a ideia do prólogo surge exatamente como a primeira demonstração da Literatura por si só. Outra questão se refere às citações de trechos dos textos que utilizo na pesquisa, os trechos do romance *O Sonho do Celta* estarão em citação direta (AUTOR, data, página), enquanto os outros autores trabalhados serão citados com referência em nota de rodapé, isso se dá devido ao grande número de citações referentes ao romance de Mario

⁷ NORONHA, Gilberto. O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a literatura? As relações de Clío e Calíope na pesquisa acadêmica brasileira (1990-2010). Uberlândia: Inhis- UFU, 2012. (Projeto de Pesquisa Edital de Apoio a Projetos de Pesquisa/ Chamada MCTI/ CNPq/ MEC/ CAPES Nº 18/2012 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (APQ – APQ 403433/ 2012-6), vigência entre 09/01/2012 a 09/12/2014.

Vargas Llosa. Resolvidas as questões estéticas e de formatação do trabalho, passemos as temáticas que serão tratadas em cada capítulo.

O **primeiro capítulo** trará noções sobre a Literatura, inicialmente a partir do “Catálogo de Teses e Dissertações”, resultado do projeto “O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a Literatura? As relações de Clío e Calíope na pesquisa acadêmica brasileira (1990-2010)”, e que recebe o mesmo título. Neste momento, as informações elucidadas são de caráter mais sistemático, como o próprio “Catálogo” e a pesquisa feita propõem, tentando entender o uso que a História, no meio acadêmico, faz da Literatura, e como esta é elucidada nos trabalhos destacados e discutidos naquele. Após estes dados, digamos que mais bem definidos sobre o uso da Literatura pelos historiadores no Brasil de 1990 a 2010, passamos para a discussão da Literatura como uma estranha instituição, a partir de Derrida,⁸ pontuando questões como: a Literatura possui um objetivo? Uma essência? E a partir da entrevista dada por este autor, discutiremos pontualmente as impressões que surgem sobre a Literatura, por fim ampliando ainda mais os sentidos da Literatura através de Blanchot em o “Canto das Sereias”,⁹ entendendo o caminho, a trajetória da narrativa literária e as temporalidades que esta abarca em si e porque se faz sempre em um porvir, nunca alcançada, seguindo por Marthe Robert¹⁰ e suas análises sobre o “romance moderno” e suas características anárquicas, que a leva a tomar caminhos próximos da psicologia a partir de Freud.

O **segundo capítulo** retoma *O Sonho do Celta*, e, partindo dele, evocarei a História. Inicialmente através de Todorov,¹¹ explicitando as relações e transformações que surgem nos conceitos do “eu” e do “outro”, que irão compreender as questões sobre os sentimentos morais identificados em Roger Casement; seguindo pela análise das esferas sociais e seus deslocamentos em Richard Sennett¹² e Hannah Arendt¹³, que além de discutir sobre as esferas sociais também discute a questão da transformação do trabalho, causa em destaque inclusive para o surgimento da esfera do íntimo e o

⁸ DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

⁹ BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005

¹⁰ ROBERT, Marthe. Romance das Origens, origens do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2007

¹¹ TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

¹² SENNETT, Richard. O declínio do homem público. Rio de Janeiro: Record: 2014

¹³ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

deslocamento do privado e do público, e, em consequência, do próprio homem. Neste capítulo, como dito anteriormente, Roger Casement e sua vida narradas no romance voltam à tona. Tentarei sempre destacar como a narrativa literária me levou às temáticas teóricas elucidadas e não o contrário, não tomando a Literatura como uma ilustração da História, e buscando a igualdade de tratamento para com ambas.

CAPÍTULO I:

Os (des)encontros entre Literatura e História

Uma obra prima, em que a documentação histórica se alia à audácia e à genialidade do novo Nobel.¹⁴

O sonho do celta reúne algumas das melhores virtudes do escritor e se coloca, além disso, no rastro de temas fundamentais reforçados ao longo de sua obra. (...) Seus personagens convertem o romance em uma grande representação da vida humana.¹⁵

As duas críticas citadas logo de início destacam questões de debate tanto sobre o enredo do romance, como também sobre a definição que este recebe. O livro é enquadrado, *pecaminosamente*, como um “romance histórico” em muitas críticas e pesquisas sobre o mesmo – ah, a união destas duas formas de escrita, que hoje são quase definidas a partir do mesmo traço, outro pecado? - Tal definição baseia-se na extensa utilização de fontes históricas, pesquisas, documentos “oficiais” como ponto de partida para o nascimento do romance.

Como o nascimento de qualquer um de nós: nossas mães e pais buscam o melhor nome, não apenas de forma estética, mas a maioria pesquisa os significados de diversos: Pedro, José, Davi, Cora, Humbertino, como se este pudesse nos definir previamente, antes mesmo de qualquer demonstração de (mau) humor. Mas de maneira mágica e/ou trágica, após o nascimento, apesar do esforço de nossos pais para que nós nos concebamos a partir do que eles compreendem como o filho ideal. Com um pouco de hormônio e as influências externas ao meio familiar, começamos a caminhar sem a necessidade das mãos de pais tão zelosos. Assim compreendo o romance de Llosa, apesar de extensa pesquisa e busca por fazê-lo representar algo que possui tanta formalidade e necessidades particulares, este se faz como um filho que caminha sem ter pai.

Com o tempo e as experiências que ele traz, mesmo os filhos não necessitarem dos pais como guias de seus passos e ações, ainda sim carregam o nome que lhe deram, mas com novos sentidos, plurais, diante de cada um que o vê. Desta forma, apesar de *O Sonho do Celta* não se apresentar como “romance histórico”, a partir das expectativas predecessoras a sua formação – como dito anteriormente, por apenas ter se iniciado com extensa pesquisa documental – ainda se constitui histórico pela abrangência sobre um tema o qual a História e tantas outras áreas possuem como temática principal, o homem. Assim como não deixa de se fazer um romance mesmo este carregando uma

¹⁴ Crítica do Jornal ABC, Espanha.

¹⁵ Crítica do El Mundo.

historicidade em si.

Em suma, João não deixa de ser João se, com o passar dos anos, se fez ver diferente do que sua mãe e pai idealizaram previamente sobre o filho e o “definindo” como João. Mesmo se a escolha do nome tenha como base o significado bíblico e João se tornou ateu, seu nome o acompanhará e ganhará novos significados. A Literatura se faz presente, resultado do trabalho do homem, e mesmo com uma pluralidade de definições para a mesma, nunca deixará de ser Literatura; da mesma forma a História não deixará de ser História. Independente da visão que as esclareça como tal, ou melhor, dependentes destas visões que as denominam. Mas sempre serão História e Literatura, qualquer seja o pré-conceito utilizado.

Ao tratarmos sobre a noção de conceito em Literatura ou em História adentramos tão perigosos espaços como a mata densa que Roger Casement se aventurou para denunciar a violência contra os nativos: acabamos nos afundando na areia movediça nomeada “o que é Literatura?” e “o que é História?”.

1.1 Clío e Calíope: O(s) lugar(es) da Literatura na História

O projeto “O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a literatura? As relações de Clío e Calíope na pesquisa acadêmica brasileira (1990-2010)”, com o qual pude colaborar, tentou compreender a relação que os historiadores possuem com a Literatura em suas pesquisas acadêmicas. Para tal, a partir do “Banco de Teses e Dissertações da CAPES”, no período de 2012 a 2014, foram localizadas e sistematizadas todas as pesquisas acadêmicas que continham a palavra-chave “Literatura”, posteriormente publicadas em formato de um catálogo.

Já de início observamos uma questão que nos levou a pensar o conceito de Literatura, já que muitas pesquisas utilizaram da palavra Literatura - seja no título, resumo, palavras-chave dos trabalhos – referente à bibliografia no geral. Toda e qualquer escrita pode ser definida como Literatura? Seguindo a utilização do termo nas pesquisas encontradas, sim.

A partir das questões propostas no projeto, partimos para o segundo esforço de análise: selecionar aquelas que iam ao encontro do que, no projeto, se definia como Literatura – assumimos o papel dos pais, nomeadores dos filhos, e passamos a buscar pelos filhos ideais – as teses e dissertações que se utilizavam da palavra Literatura de acordo com os conceitos que formulamos de início. Nesta seleção, foram selecionadas 602 pesquisas

identificadas pelos autores e reconhecidas por nós. Esta seleção nos deu uma boa perspectiva sobre a utilização da Literatura pelos historiadores, não apenas do método, mas também da quantidade de trabalhos por período, nas regiões onde mais se promovem pesquisas sobre a temática. Os gráficos¹⁶ abaixo assim nos demonstram:

Gráfico1:

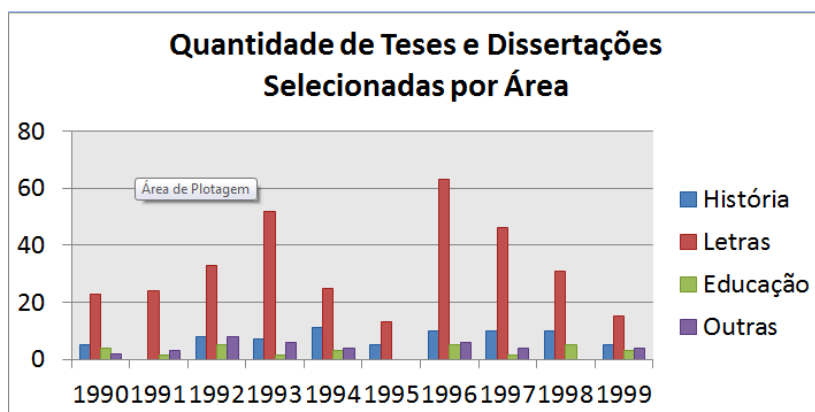
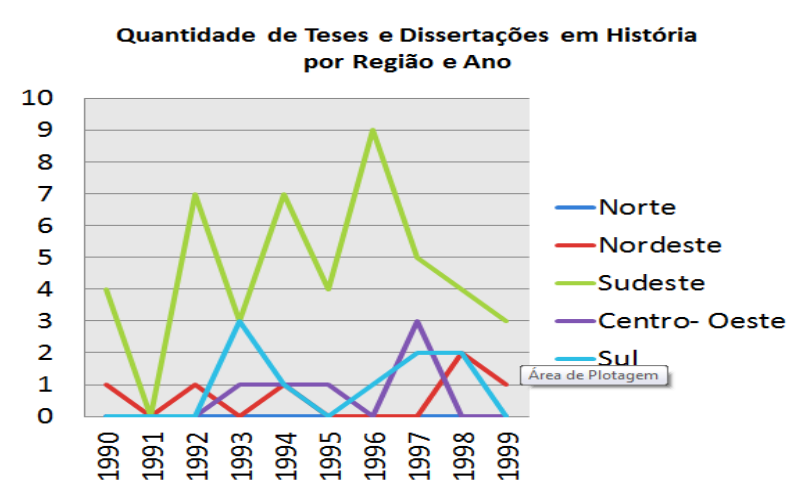


Gráfico 2:



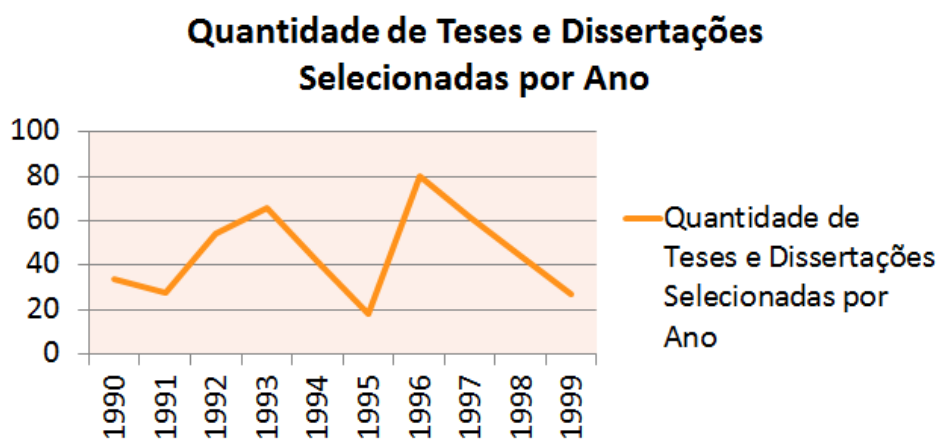
Estes dois gráficos apontam a quantidade de teses publicadas por ano: o primeiro separa as teses por área e o segundo foca nas teses e dissertações da área de História, especificadas por ano de publicação e região. As informações sobre a quantidade de teses, no gráfico 1 mostram que, obviamente, na área de Letras a quantidade de teses e

¹⁶ Os gráficos aqui apresentados foram resultado do projeto “O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a literatura? As relações de Clío e Calíope na pesquisa acadêmica brasileira (1990-2010)” e apresentados em Goiânia, no VI Simpósio Internacional de História: Culturas e Identidades, no ano de 2013, em forma de poster, intitulado “Os Contornos da Relação História e Literatura. Os gráficos tratam sobre o período de 1990-1999.

dissertações é radicalmente superior às outras áreas, mas mostra também que a segunda área que mais produz trabalhos, de alguma forma tratando sobre Literatura, é a História, com exceção do ano de 1991, o que aproxima muito a relação da História e da Literatura. Sobre o gráfico 2, que explicita as regiões onde a Literatura é abordada pela área da História, temos Sudeste como a com maior quantidade seguida pelo Nordeste e pelo Centro-Oeste, o que tanto nos diz sobre os departamentos e núcleos de pesquisa que se dedicam ao estudo da Literatura, como também da quantidade de instituições de acordo com a região, sendo o Sudeste aquele que possui maior número destas.

Algo interessante de se destacar é a inconstância de quantidade de pesquisas em História com a Literatura como temática durante estes primeiros anos analisados como mostra em maior destaque o gráfico abaixo:

Gráfico 3:



Esta inconstância - ousou dizer - nos remete provavelmente a uma ligação pessoal com a Literatura, não apenas relacionada à relação do núcleo de pesquisa com a temática, mas do próprio autor para com a Literatura. Além, lógico de fatos mais ligados à academia, como publicações traduzidas de autores teóricos sobre a Literatura, como de obras literárias que promovam discussões de temáticas em voga no período próximo ou que recebeu uma maior atenção e gerou um amplo debate no período.

Entre esses 602 trabalhos selecionados, ainda há uma subdivisão de Literatura, como se o termo fizesse referência a vários subgrupos: Literatura de viagem, Literatura clássica, Literatura de cordel, Literatura biográfica, romance, entre várias outras nomenclaturas, e estas cruzam com a formulação do conceito de outras áreas, e destaco aquela que aqui nos interessa: História.

Sobre esta relação, ao final do Catálogo, Suelen Simião apresenta no posfácio a importância de se analisar o uso da Literatura pelos historiadores principalmente pós a publicação no Brasil de “Meta-história”, traduzido em 1992 e de “Trópicos do Discurso” em 1994¹⁷. Sobre tal obra, Simião discorre, demonstrando a análise da História que White faz a partir de sua estrutura narrativa, verbal em prosa, e complementa:

Isso quer dizer que os fatos por si só não apresentam uma estrutura de enredo, isso quem faz é o historiador, e é nesse momento que entram os recursos propriamente literários. Dessa maneira, a história não serviria ao fato apenas como fato, o passado pelo passado, mas retramando-se o passado é possível apontar direções para o futuro.¹⁸

Partindo dessas questões, ainda mais com a reação, quase sempre, negativa em relação às questões colocadas por White, busquemos a questão da escrita da História em Frank R. Ankersmit. Este autor compreende a análise que White faz sobre a narrativa da História, mas que não apresenta qual a ligação de importância entre a História e a escrita do passado, e assim, Ankersmit aborda a temática, em suas próprias palavras:

Assim, minha visão poderia ser a de que a História de White é imensamente valorosa ao historiador interessado na escrita da História, mas que não trará nenhuma resposta para a questão da existência de uma melhor forma de explicar o passado. A intenção principal deste livro é a de remediar esta situação.¹⁹

O autor nesta obra inicia compreendendo a cientificidade da História como seu “status” e não a caracterizando como ciência, também reconhece a subjetividade vinda do historiador, e nota que a História produz uma “organização do conhecimento” a partir da noção do construtivismo, como cito:

¹⁷ A chegada de tal texto de Hayden White ao Brasil pode ser colocado como possibilidade para o aumento do número de Teses e Dissertações na área de História, que possuem a Literatura no ano de 1995, como mostra o gráfico 3.

¹⁸ SIMIÃO, Suelen Caldas de Sousa. In: O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a literatura?: Catálogo de Teses e Dissertações (1990-2010). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. 2015. P. 137.

¹⁹ ANKERSMIT, Franklin Rudolf. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduei, 2016.

A ideia é a de que o passado em si mesmo nunca pode ser um ingrediente no processo de aquisição do conhecimento histórico ou na discussão histórica, uma vez que o passado por sua natureza não pode ser mais observado. O passado não mais existe e, assim, não pode ser um objeto próprio de investigação. Temos à nossa disposição apenas traços que o passado nos deixou em forma de documentos, inscrições, pinturas, construções e assim por diante. Como corolário, tudo o que temos são construções produzidas pelos historiadores a partir desses traços (...). Então, o construtivismo enfatiza, tal como a posição narrativista esboçada na seção anterior, a autonomia da historiografia no que concerne o passado em si mesmo, e por isso o construtivismo demanda nossa atenção.²⁰

Esta questão abordada por Ankersmit vai ao encontro das considerações de Hayden White: o ato de escrever a História se faz poético, e é justamente este que gera uma organização do passado assim como uma interpretação do que se tem do passado. Citando White:

A fim de correlacionar esses diferentes estilos e elementos de uma única tradição do pensamento histórico, fui forçado a postular um nível profundo de consciência no qual um pensador de história escolhe as estratégias conceituais com que irá explicar ou representar seus dados. Nesse nível, acredito, o historiador realiza um ato essencialmente poético, em que prefigura o campo histórico e o constitui como um domínio no qual é possível aplicar as teorias específicas que utilizará para explicar “o que estava realmente acontecendo” nele.²¹

Sobre o surgimento de uma narrativa que organize as informações do passado que o historiador obtém em sua pesquisa, Ankersmit apresenta o conceito de “construtivismo”, desacreditando da noção de Derrida sobre o “desconstrutivismo”

²⁰ ANKERSMIT, Franklin Rudolf. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduep, 2016.p. 50.

²¹ WHITE, Hayden. Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 (Coleção Ponta, v. 4). p.12

dentro da escrita da História, já que este não levaria a relação da obra para com o externo – como acredita Derrida: o texto provendo seu próprio sentido - e o desconstrutivismo compreende as tensões dentro do próprio texto, não mais considerado unitário e coerente. Ankersmit entende o texto como forma de construir o passado, já que aquilo que possuímos deste é finito e incompleto, a escrita da História não poderá prover seu próprio sentido, pois as tensões ocorrem tanto dentro do texto como fora do mesmo a partir da análise do passado, que, para este autor, se dá no encontro do leitor com o texto. A História mantém uma relação com o passado, e a constrói na sua escrita, assim Ankersmit escreve:

Geralmente se diz que para se entender um texto devemos localizá-lo em seu (devido) contexto. Por exemplo, a fim de obter o significado do *Leviathan*, de Hobbes, deveríamos localizá-lo no contexto das guerras civis e religiosas dos séculos XVI e XVII. Então designaremos ao texto seu significado ao localizá-lo na rede de atritos e tensões que existe entre ele mesmo e seu contexto específico. Essa rede é o mundo mental no qual o pensamento político de Hobbes se originou. Assim, normalmente o contexto está fora do próprio texto. A proposta revolucionária de Derrida foi ter considerado o texto como provedor de seu próprio contexto. Então, todos os atritos e tensões entre o texto e o contexto – e isso talvez nos ajude a clarificar o significado do texto – são incluídos no texto em si.²²

Assim, Ankersmit desaponta-se com a noção do desconstrutivismo de Derrida quando tenta aproximá-lo da noção de experiência. Afinal, Derrida não compreende a experiência externa ao texto, e ao buscar compreender a escrita da História, é o que Ankersmit pressupõe:

Mas o desconstrutivismo nunca sugere que qualquer fase nesse processo contínuo de proliferação de significado nos leve para fora ou para além do que se pode ser expresso na linguagem (...).

²² ANKERSMIT, Franklin Rudolf. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2016.p. 163

Embora no desconstrutivismo a interação dos textos com textos, e dos textos com eles mesmos poderá tornar-se imensamente complicada, isso nunca nos levará ao cenário no qual a linguagem é em princípio, não mais transparente para si mesma. Então, o desconstrutivismo necessariamente exclui as condições requeridas para a possibilidade da experiência; o desconstrutivismo destaca-se, e é mais sensível ao conflito e atrito semântico, mas essas tensões e conflitos nunca apontam para uma dimensão além de suas próprias circunscrições linguísticas, e eles podem sempre ser compreendidos em seus termos próprios e puramente linguísticos.²³

O que faz Frank Ankersmit compreender o conceito do desconstrutivismo de Derrida como ausente de experiência? Seria a sua referência máxima ligada à escrita da História? Em uma análise detalhada, quando se observa a História dependente da narrativa para compor o passado, a experiência unicamente se encontra externa ao texto. Diferentemente de Ankersmit, que explicita este momento de conflito com a teoria pós-estruturalista do desconstrutivismo, talvez justamente pela compreensão de que a escrita da História liga-se à construção do passado, sem apontar uma direção futura para o texto.

Mesmo que Ankersmit parta sua análise das questões de Hayden White, ao considerar a noção do passado de primeira importância para a compreensão do texto histórico, e assim, invertendo o processo que White tem como proposta, acaba por, na valorização do passado, tratar a narrativa como geradora de uma experiência externa ao texto – voltamos ao passado.

Suelen Simião, em sua análise sobre White, sublinha o distanciamento deste autor com a relação historiador-passado, na construção da escrita da História, levando como primeira questão a importância da teoria literária, e da narrativa da História como sendo a maneira de se fazer História. Como Simião apresenta:

²³ ANKERSMIT, Franklin Rudolf. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2016.p. 165.

O que o historiador produz não é a informação pura sobre o passado, mas determinada interpretação sobre ele, que depende, dessa forma, de um modo narrativo de interpretação que depende da intenção de quem escreve.²⁴

1.2 Literatura, uma estranha instituição: Derrida e as questões literárias

Quando adotamos o termo Literatura em nossas vidas, tanto acadêmica quanto pessoal, acabamos por lhe conferir significados com os quais nos identificamos. Discute-se muito sobre a função da Literatura, assim como se discute sobre a função da História e de outras áreas – afinal, neste mundo em que vivemos tudo e todos devem possuir uma função definida que contribua para com o mesmo.

E, voltando à discussão anterior, quando descobrimos os gêneros literários nos trabalhos que analisamos, percebe-se como a definição “Literatura” não basta, já que esta agrega diferentes narrativas. Assim como a definição de “História” também nunca bastou. Sobre esta questão dos gêneros, Derrida aponta:

Não há nenhum texto que seja literário em si. A literariedade não é uma essência natural, uma propriedade intrínseca do texto. É o correlato de uma relação intencional com o texto, relação esta que integra em si, como um componente ou uma camada intencional, a consciência mais ou menos implícita de regras convencionais ou institucionais – sociais, em todo caso.²⁵

A Literatura se faz sem essência em si, sua essência surge na leitura, na análise e acaba por também ter lugar no contexto social – tanto no do momento da escrita (não apenas ligado à temática, mas também à estética do texto) como no momento da leitura. Assim o que entende tanto da narrativa como do conceito de “Literatura” transforma-se tanto de leitor para leitor, quando de período histórico para outro. Para Derrida, a Literatura ultrapassa, é transgressora à esferas temporais, históricas que a mantém, justamente por sua essência não estar nela mesma.

²⁴ SIMIÃO, Suelen Caldas de Sousa. In: O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a literatura?: Catálogo de Teses e Dissertações (1990-2010). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. 2015. P. 137.

²⁵ DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 64.

Desta forma, ao definirmos o romance de Mario Vargas Llosa como “histórico” estamos conferindo a este uma função – o de retratar a partir do “real” – e esta relação direta com a História acarreta a um peso a mais para a escrita, um peso de verdade. Uma ligação quase que resumida na frase “baseado em fatos reais”. Uma comparação com a História externa ao livro. Não estaríamos assim limitando, subordinando a Literatura à História? Diminuindo o valor dos escritos de “O Sonho do Celta” a um caráter biográfico e que necessite de comprovações para se constituir válido?

A limitação da Literatura, neste caso, como “histórica”, ao mesmo tempo em que amplia o peso que o livro terá – por ser constituído a partir de outros documentos, por exemplo – limita-a a uma única função, a da História, que também é reduzida à análise do “real”; a História relacionada a documentos históricos, antigos, empoeirados, “oficiais”, ou pertencentes a sujeitos que existiram fisicamente em algum período de tempo da sociedade.

Em primeiro lugar, isso limitaria a literatura ao lhe fixar uma missão, uma única missão. Significaria dar uma única finalidade à literatura, atribuir-lhe um sentido, um programa ou um ideal regulador, ao passo que ela poderia também ter outras funções essenciais, ou até mesmo não ter nenhuma função, nenhuma utilidade fora de si mesma.²⁶

Derrida ainda discute que o surgimento do termo Literatura como compreendemos este hoje em dia, na modernidade, é recente, mas ainda assim não limita a Literatura a possuir um rigor, uma essência própria, restringir a Literatura ao período moderno, é o mesmo que fechá-la em um único objetivo. Afinal, esta passa a existir como tal neste período justamente, pois se inicia uma discussão sobre a mesma, e seu significado; o que, a partir do estudo da História da historiografia, também ocorre com a História. Falar sobre uma intenção do texto, a partir das questões apontadas por Derrida, não é suficiente para assegurar que este se faz como Literatura.

Sobre tal tema, discorre Joana Muylaert:

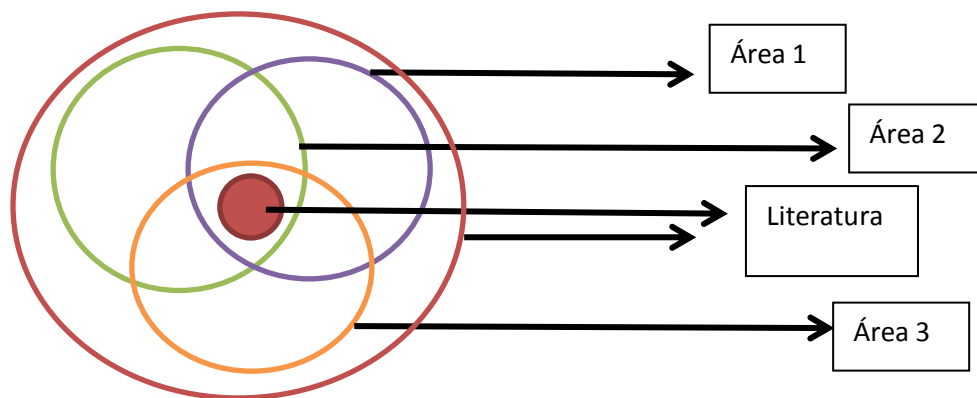
²⁶ DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 52

Isso posto, como e onde situar um utópico texto, não contaminado por convenções ou regras, sem relação com as tradições e as instituições existentes? Esse é, me parece, o nó da questão que Derrida se propõe não desatar, mas estreitar ainda mais, levando ao limite o paradoxo sobre o qual se constituiu o que hoje chamamos literatura. Embora reconhecendo que “qualquer coisa como uma realidade literária em si mesma permanecerá sempre problemática”, Derrida afirma “o sonho com uma nova instituição, sem precedente, sem pré-instituição”, em que cada obra literária produzida seja impossivelmente única.²⁷

Derrida compreende que a instituição “Literatura” se faz estranha devido a sua dependência de uma relação externa, que sempre a renova, transforma, tanto pela proposta do texto, quanto pela leitura deste. A leitura que transcende a própria linguagem, pela forma e pelo significante é debatida como não suficiente para tratar a literalidade de um texto, da mesma maneira que a Literatura não pode anular essa transcendência da leitura, ou acabaria por se anular. Assim o autor continua, definindo que a Literatura está a beira de tudo, a Literatura existe e persiste na suspensão do sentido e da referência – esta suspensão que acaba por fazê-la dependente dessas próprias beiras que se coloca.

Pensando na beira da História, que é o que mais nos interessa nesse momento, teríamos a noção que ao mesmo tempo em que a Literatura depende da História, de encontrar-se subscrita em um período histórico, da condição histórica e humana de quem a escreve e de quem a lê, ela também o suspende a partir da narrativa e de não ter a obrigação de possuir uma única função. A dependência da História – assim como de outras áreas, como a filosofia, a antropologia, a arte – existe por esta permanecer na linha, no limite da definição de cada uma destas, mas toda a dependência é suspensa quando se significa de literalidade. Simplificando, por exemplo, a partir do esquema abaixo:

²⁷ ARAUJO, Joana Luíza Muylaert de. A teoria literária entre práticas e saberes: novas estratégias, múltiplos objetos. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, pág. 11 - 20, jan/jun 2007.



Os círculos em vermelho, que representam a Literatura estão demonstrando a própria questão da dependência das outras áreas (círculos de outras cores) e sua expansão, como trata Derrida, suspensão às barreiras das mesmas.

E da dependência destas áreas na construção da Literatura, surge uma responsabilidade histórica e metafísica, que não se liga a uma questão moral ou política – como uma responsabilidade histórica geralmente funciona para com um historiador? – e sim a estar em um lugar, que seja nas beiras do que surge em seu tempo:

Para que essa performatividade singular seja efetiva e para que algo novo seja produzido, não é indispensável a competência histórica com certa configuração (a de certo saber universitário, por exemplo, acerca da História literária), mas ela aumenta as chances. Em sua experiência de escrita como tal, senão numa atividade de pesquisa, um escritor não pode deixar de estar envolvido, interessado, inquieto com relação ao passado, seja o da literatura, da História ou da filosofia, da cultura em geral. Ele não pode deixar de levar isso em consideração de alguma forma, nem tampouco deixar de se sentir herdeiro responsável, inscrito numa genealogia, quaisquer que sejam as rupturas ou as denegações a esse respeito. E quanto mais severa for a ruptura, mais vital é a responsabilidade genealógica. Não se pode deixar de levar em consideração, que se queira ou não, o passado.²⁸

Levando em consideração esta questão, e voltando à problemática da caracterização de *O Sonho do Celta* como um romance histórico - por se utilizar de “fatos” tidos como reais - observamos que, partindo da dependência de uma genealogia, de levar o passado em consideração, toda escrita literária, mesmo quando esta rompe

²⁸ DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 83

com questões temporais, quando a narrativa se faz partindo unicamente de um imaginário, se faz histórica. Todo romance, poderia, a partir do que Derrida expõe ser tratado como História, ousar ainda dizer, que não apenas a Literatura, se além da consideração com o passado, pensássemos no labor da leitura a partir do olhar do historiador. Assim confirmando que singularizar a função da Literatura faz com que a mesma perca o sentido e se anule como tal.

Rotular o romance de Llosa como histórico seria diminuir a função da Literatura em prol da História – seria a proposta de um historiador na leitura de qualquer documento? – O que, partindo das questões levantadas por Derrida, resulta na inversão ampla do que se indica com o termo “romance histórico”. Sendo a Literatura aquela que transcende, suspende, rompe com os sentidos anteriormente definidos – a partir da escrita, essa que gera um prazer, um gozo, principalmente quando se faz desconstruída, e na leitura. A essência da Literatura ultrapassa os signos e termos a que ela se refere, e rompe com os mesmos constantemente, esta se faz de forma não natural e se finda a cada nova desconstrução na escrita.

O acontecimento literário talvez seja mais acontecimento (porque é menos natural) do que qualquer outro, mas, por isso mesmo, torna-se muito “improvável” e difícil de verificar. Nenhum critério interno pode garantir a “literariedade” essencial de um texto. Não há nenhuma essência ou existência garantida da Literatura. Procedendo-se a análise de todos os elementos de uma obra literária, nunca se encontrará a própria Literatura, somente alguns traços que ela compartilha ou toma emprestado, e que se pode encontrar noutros lugares também, noutros textos, seja uma questão de língua, de significações ou de referentes (“subjetivos” ou “objetivos”). E mesmo a convenção que permite a comunidade chegar a um acordo sobre o status literário desse ou daquele fenômeno permanece precária, instável e sempre sujeita a revisão.²⁹

Citação esta que retoma o início deste capítulo: os historiadores delimitam através de convenções o que é literatura e o que é História, a precariedade dessas noções geram uma constante discussão, transformação, revisão, ainda mais quando as

²⁹ DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. P. 115.

convenções sociais mudam, ou uma obra surge como ruptura da “regra”. Assim como os cantos das sereias de Blanchot:

Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, portanto, levavam-no realmente ao objetivo. Mas, tendo atingido o objetivo, o que acontecia? O que era esse lugar? Era aquele onde só se podia desaparecer, porque a música, naquela região de fonte e origem, tinha também desaparecido, mais completamente do que em qualquer outro lugar do mundo; mar onde, com orelhas tapadas, soçobravam os vivos e onde as Sereias, como prova de sua boa vontade, acabaram desaparecendo elas mesmas.³⁰

O “canto literário”, como define Blanchot, o romance será sempre algo por vir, que desaparece sempre que chegamos a alguma definição sobre o mesmo que ressoa. Já a técnica, que parte dos homens, sempre muda, difere e tenta acrescentar mais ao romance do que contém nele próprio, a narrativa se faz estranha; assim como a instituição chamada Literatura de Derrida, ela leva ao desconhecido, ao metamórfico.

E partindo destas questões, mesmo sem definir exatamente qual deve ser a posição do leitor em relação à Literatura e, no caso, do leitor-historiador, rompemos aqui com o termo “romance histórico” e a noção de verdade que este carrega, assim como uma dependência de outras leituras para comprovar sua veracidade. Partimos da Literatura, nos encontramos com as beiras da História e na Literatura encerramos, se é que possamos considerar tais divagações necessárias ou possuidoras de um fim, mesmo que a Literatura o tenha em si.

1.3 O Romance: um canto libertador ou dependente?

Dando continuidade ao raciocínio de Blanchot, em “O Canto das Sereias”, o autor trata de Ulisses e sua passagem pelas Sereias, representando a construção da narrativa de um romance. O canto das sereias se faz insatisfatório, aquele que gera o desejo do que seria o real, “ideal” canto – como se a insatisfação que este gera, abrisse caminhos para o momento, o lugar o qual ele realmente se dava em seu ápice, nas

³⁰ BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P. 03.

palavras de Blanchot, um canto por vir, como apresentamos na citação referente a este, no tópico anterior deste capítulo.

Este canto, em *Ulisses*, destinado aos homens aventureiros, à navegação – a trajetória, e a aproximação do canto gerava a morte, pelo desejo impaciente de ali ficar. A beleza das sereias e do canto que estas ressoavam, mesmo próximo do humano, ainda parecia exterior a este, e ainda desacreditado, como reflete Blanchot:

Houve sempre, entre os homens, um esforço pouco nobre para desacreditar as Sereias, acusando-as simplesmente de mentira: mentirosas quando cantavam, enganadoras quando suspiravam, fictícias quando eram tocadas; em suma, inexistentes, de uma inexistência pueril que o bom senso de Ulisses é suficiente para exterminar.³¹

Ulisses vence este canto sem deixar de gozar do mesmo, enquanto os outros integrantes do barco, seus subordinados, com os ouvidos tampados não puderam escutar. O autor insere a partir do canto das Sereias, da navegação a noção da luta da narrativa até o romance. A narrativa se faz como o canto enigmático e imperfeito, e a trajetória é o centro da discussão proposta.

A partir desta leitura que Blanchot nos propõe, compreende-se a construção da narrativa e, pode-se supor, além da própria, a trajetória da leitura. O destino não é o objetivo, para o autor, um romance pode se fazer sem a pretensão de um objetivo, mas assim surge *Ulisses* – a técnica que se libera do canto das Sereias sem sucumbir a ele por demasiada impaciência pelo alcance da perfeição, mas a técnica surge justamente por não poderem coexistir no mesmo espaço, mesmo que desejado, retoma Blanchot a partir de *Moby Dick*:

Entre Achab e a baleia, trava-se um drama que poderíamos chamar de metafísico, utilizando a palavra de forma vaga, a mesma luta que se trava entre as Sereias e *Ulisses*. Cada uma das partes quer ser tudo, quer ser o mundo absoluto, o que torna impossível sua coexistência com o outro mundo absoluto; e, no entanto, o maior desejo de cada um deles é essa coexistência e esse encontro. Reunir num mesmo espaço Achab e a baleia, as Sereias e *Ulisses*, eis o voto secreto que faz com que *Ulisses* seja Homero, e Achab seja Melville, e o

³¹ BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P. 05.

mundo que resulta dessa reunião seja o maior, o mais terrível e o mais belo dos mundos possíveis, infelizmente um livro, nada mais do que um livro.³²

A narrativa se faz humana, tanto a partir de quem a faz, sobre o que faz, e para quem faz. E o seu caminho imperfeito é a tentativa do encontro, mas sem objetivo final. A narrativa transforma a noção de tempo – ela já se fez, ainda é presente e está sempre por vir. Como explica Blanchot, o movimento infinito permitido pela narrativa se faz a partir de um encontro passado, gerado anterior a primeira, na tentativa de se fazer sentir o que a experiência do encontro causou, mas a narrativa presume justamente a trajetória e não o encontro em si, se afasta deste ao passo que o encontro ainda esta por vir.

E, no decorrer desta noção de trajetória, encontro, narrativa, surge a questão de para onde vai a Literatura. Blanchot assim responde:

Sim, pergunta espantosa, mas o mais espantoso é que, se há uma resposta, esta é fácil: a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento.³³

A partir do que já se demonstra neste trabalho, a análise que Blanchot inicia sobre a narrativa, o canto das Sereias, o romance e a Literatura. A trajetória é destacada como o principal momento a ser considerado e ao questionarmos do destino destes nos deparamos com a ruptura dos próprios dentro dessa. A questão então retorna: o destino é externo, quando se faz a partir de outra área a não ser a da Literatura? E quando esse destino é firmado, mesmo que considerado múltiplo, não mais se refere à Literatura?

Tendo como referência, neste trabalho, a leitura de *O Sonho do Celta*, acredito que a problemática da significação da Literatura e do uso desta está justamente em compreender que ao destacar, utilizando-se da técnica – neste caso, da História –, ao nos fazermos Ulisses, na trajetória da narrativa do romance este deixa de existir como tal. O encontro da Literatura partindo da busca por um destino anula a existência da própria?

Esta é a problemática da técnica e do que inicialmente discutimos sobre definir, dar nome a algo – pois partindo de nossas intenções particulares, inseridas em um método particular externo à Literatura, conferimos a esta um novo sentido, novos significados e a fazemos ser outra.

³² BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P. 10.

³³ BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P. 285

Outra questão que surge no desenvolvimento dessa análise, sendo a narrativa e a Literatura não possuíntes de um destino, e nós lhe conferindo estes, seria esta também não possuíntes de uma essência? Ao não possuir uma essência, um objetivo, seria justamente compreender o movimento do por vir, já que o processo de leitura amplia as questões definidas no próprio processo de escrita, este que já altera a questão do tempo da narrativa, o que retoma a discussão de Derrida.

Na análise de uma obra literária, a fixamos em um período temporal, seja pela temática que discorremos através da obra, seja pela estética da escrita, romances do século XIX, surrealismo, romantismo, simbolismo, modernismo – pela necessidade de compreender justamente o destino de tal obra – ao fixarmos a Literatura em um único tempo, a partir da leitura, e não mais pensando apenas na construção desta, também estaríamos rompendo com o fluxo temporal que esta ganha e lhe destinando a algo? E, retomando o projeto “O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a Literatura? As relações de Clío e Calíope na pesquisa acadêmica brasileira (1990-2010)”, podemos pensar que os historiadores caracterizam a Literatura, inclusive através da teoria literária, conferindo-lhe uma essência histórica, fixando-as em um período temporal, colocando-a menor do que a própria História, e, conseqüentemente, a Literatura não mais existindo em si mesma.

A dependência da Literatura às outras áreas, como Derrida compreende, a ligação do autor e do leitor a um passado, a uma genealogia, mesmo que gere a ruptura e desconstrução, em destaque no processo de leitura desta, se faria como um destino da Literatura em algo externo a ela mesma. Isto a conduziria a não ser, e o que identificamos como Literatura seriam os traços externos do passado e do próprio presente que as obras possuem em sua estética.

Estritamente sobre o romance, a autora Marthe Robert em seu livro *Romance das Origens, Origens do Romance*,³⁴ traz uma discussão inicial sobre o termo “romance moderno”, termo que poderíamos considerar uma fixação do romance em um tempo, passado, partindo de sua estética? Mas a discussão sobre a noção de “romance” surge justamente da busca pela compreensão de uma liberdade que este possui. O que se é histórico, teórico e não mais literário nestas definições das obras literárias? E, continuando, a autora apresenta sobre a liberdade do romance, discutida sempre, mas

³⁴ ROBERT, Marthe. *Romance das Origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

nunca alcançada pela teoria que o define como “moderno” e as outras áreas que assim o tratam. Como se, apesar da constante tentativa de compreender a função, o destino do romance, este permanecesse livre. A autora compreende a liberdade do romance, como Derrida compreende a liberdade da Literatura e Blanchot a não existência de um destino e sim de uma trajetória narrativa. Marthe Robert assim define:

O extraordinário destino percorrido em tão pouco tempo pelo romance resulta na verdade de seu caráter arrivista, pois ao examinarmos de perto, ele o deve sobretudo a conquistas nos territórios de seus vizinhos, os quais ele pacientemente absorveu até reduzir quase todo o domínio literário à condição de colônia. Tendo deixado o status de gênero menor e desacreditado a uma potência sem precedente, ele é agora praticamente único a reinar na vida literária, uma vida que se deixou modelar por sua estética e que, cada vez mais, depende economicamente de seu sucesso. Com essa liberdade do conquistador cuja lei única é a expansão indefinida, o romance, que aboliu de uma vez por todas as antigas castas literárias – as dos gêneros clássicos –, apropria-se de todas as formas de expressão, explorando em benefício próprio todos os procedimentos sem nem sequer ser solicitado a justificar seu emprego.”³⁵

Para Robert, o romance está em constante expansão, a sua dependência de outras áreas, vista como positiva, o liberta de seguir determinadas técnicas sempre, o romance explora a dependência destas áreas ao seu favor, tanto na narrativa quanto em sua estética. Mas, quanto mais se expande, mais tentamos delimitá-lo a regras, definições. Encaixá-lo em uma função útil à sociedade – afinal, não estamos todos assim postos? Sobre o romance, Robert discorre:

Quanto mais o gênero envelhece e se expande, acentuando ainda mais seu caráter prolífico, intangível e anárquico, mais experimentamos a necessidade de lhe ditar regras de conduta, uma disciplina, uma moral – em suma, de forçar sua natureza restringindo, quando não negando, sua liberdade.³⁶

³⁵ ROBERT, Marthe. *Romance das Origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. P. 13.

³⁶ ROBERT, Marthe. *Romance das Origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. P. 21.

A autora segue seu raciocínio apresentando como o romance está sempre fadado a uma definição, ligado ao seu objetivo, ao destino deste para com o que lhe é externo. Marthe Robert cita várias frases de Voltaire, Huet, Saint-Marc Girardin, em que todos estão, de uma maneira ou de outra, compreendendo o romance e lhe conferindo funções, ligadas principalmente à História – tanto em relação ao passado, a quem ele é direcionado e ao futuro, como se o romance fosse uma projeção subjetiva do que se espera para o futuro. Assim Robert conclui que:

Nunca o romance gozou oficialmente da liberdade que é e permanece, não obstante, seu patrimônio. Pois as diversas escolas que se esforçam para “libertá-lo” só fazem no final das contas substituir um tribunal considerado caduco por outro mais moderno (...). E, se por esse lado o romance nem por isso deixa de continuar a proliferar com a indisciplina e a licença que lhe são próprias, por outro, assediado de todas as direções em que é engajado à força, influenciado pela contínua confusão da ética e da estética que passa por uma lei de sua arte, só é criado com consciência pesada, numa luta contínua contra si mesmo que, em geral leva-o a se emancipar de uma tutela para se submeter a novos imperativos.³⁷

Para continuar seu pensamento, Marthe Robert adentra o “desejo romanesco”, partindo da noção de imaginação freudiana, que fica entre a psicologia e a Literatura. Sobre tal questão – que não iremos aprofundar – a autora trata a criação psíquica de uma forma de “ficção”, ainda na infância, o qual a partir de Freud foi analisado e composto em uma obra chamada “Romance Familiar dos Neuróticos”. O que aqui vale destacar é a utilização da palavra “romance” ligada estritamente à imaginação e ao conceito de “ficção” sendo apresentado ainda como necessário à criança como meio de superação da decepção para com a realidade, no caso, familiar.

Após os debates promovidos neste trabalho, principalmente o que a própria Robert trata sobre a liberdade do romance, me parece um pouco contraditório a análise que esta segue, aplicando o romance à psicologia em uma relação de encontro. A própria autora não estaria levando o romance a uma regra? Enquanto debate sobre a obra de Freud, ao concluir suas ponderações, a autora torna a falar sobre a

³⁷ ROBERT, Marthe. Romance das Origens, origens do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2007. P. 23.

irresponsabilidade libertária do romance, mas ainda o caracterizando sempre partindo das análises de Freud.

Seria esta realmente uma contradição? Ou poderíamos aprofundar baseados nas noções de Literatura aqui exploradas? Robert estaria agindo como Ulisses? Utilizando-se da técnica para chegar mais próxima do canto do romance? Se sim, nos faz pensar, a Literatura existe e acaba em si justamente pelo uso de técnicas para a aproximarmos de nós mesmos, e o que se deve compreender é: tais definições continuam mantendo a narrativa literária imperfeita, sempre por vir. Seria o meio que encontramos de fazer com que a Literatura permaneça? Mesmo que sendo outra, na transformação presente em lhe cogitar sentidos?

A Literatura não possui uma função, não está relacionada a algum objetivo, não mira um destino, mas está atrelada à humanidade – é escrita pelos homens, lida pelos homens e analisada pelos homens, mesmo que esta análise a transforme, assim como esta transforma o homem. O relacionamento da Literatura se faz humano: controverso, enigmático, instável, livre. A Literatura não possui uma essência definida, pois o próprio homem também não a possui.

CAPÍTULO II

Roger Casement: o eu, o outro e o íntimo

2.1 Os Encontros com o Outro

Os tempos modernos são frequentemente comparados aos anos em que o Império Romano entrou em decadência. Assim como se supõe que a podridão moral enfraqueceu o poder de Roma para governar o Ocidente, diz-se que enfraqueceu o poder do Ocidente para governar o globo.³⁸

O que Sennett trata, no início de *O declínio do Homem Público* foi visto pela personagem Casement durante sua vida, como tratamos no Prólogo. Casement trabalhou como Cônsul Britânico, e denunciou diversos casos de violências contra os nativos, da África e da Amazônia Peruana. Que mesmo sendo totalmente diferente do que imaginava nos anos de sua juventude, acabaram por transformá-lo radicalmente.

Envolvido pelas histórias que seu pai lhe contava, o desejo de Casement por aventura acompanha sua infância, e quando jovem, já tendo perdido os pais, ao trabalhar em uma empresa naval aos 15 anos, sua paixão pela aventura encontra com a África e em sua primeira viagem ao Congo ainda carregava em si a noção de que a Europa salvaria a África, modernizaria a sociedade, levaria a religião cristã às tribos canibais e da selvageria. Já no cargo de cônsul e “num arroubo de idealismo e sonho aventureiro, decidira em 1884 deixar a Europa e vir trabalhar na África para, mediante o comércio, o cristianismo e as instituições sociais e políticas do Ocidente, emancipar os africanos do atraso, da doença e da ignorância.” (LLOSA, 2011, p.32). Em sua primeira viagem ao Congo, por sua frágil condição de saúde, seria necessário adiar, e durante seu repouso Casement sonhava com o momento em que iniciaria seus planos. “Era este o intercâmbio que, na sua imaginação juvenil, livraria os congoleses do canibalismo, dos mercadores árabes de Zanzibar que controlavam o tráfico de escravos, e abriria as portas da civilização para eles!”

Em ambas as citações de *O Sonho do Celta* apresentadas acima, observamos Casement e o julgamento da superioridade da sociedade da Europa Ocidental, o qual

³⁸ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record: 2014. (versão e-book para Kindle) Posição: 96.

Roger Casement compreendia quase que naturalmente – as organizações sociais da Europa, para ele, se faziam mais modernas, civilizadas e próximas de Deus – tal comportamento nos remete ao conceito de Etnocentrismo, trabalhado por Todorov em seu livro *Nós e os Outros*, este livro abrange vários pensadores a partir da discussão de conceitos como este já tratado acima, o Cientificismo, Raça, Racismo e Racialismo.

Neste trabalho pretendo abordar principalmente as questões que Todorov apresenta sobre o Etnocentrismo e o Cientificismo a partir do próprio movimento de leitura de *O Sonho do Celta*.

Todorov inicia sua obra com uma questão muito pertinente: “A diversidade humana é infinita: se quero observá-la, por onde começar?”³⁹. O autor compreende a problemática sobre a noção de unidade (somos todos seres humanos) e de diversidade (somos todos diferentes), principalmente a partir da formulação de diversas sociedades com ainda mais diversas culturas e organizações sociais, e partindo dos universalistas, Todorov destaca a questão do Etnocentrismo e assim o define:

O etnocentrismo merece ser posto à frente, pois é a mais comum dentre elas. Na acepção dada aqui a esse termo, consiste em de maneira indevida, erigir em valores universais os valores próprios à sociedade a que pertencemos. O etnocêntrico é, por assim dizer, a caricatura natural do universalista: este, em sua aspiração ao universal, parte de um particular, que se empenha em generalizar; e tal particular deve forçosamente lhe ser familiar, quer dizer, na prática, encontrar-se na sua cultura.⁴⁰

Todorov nos oferece uma vasta quantidade de pensadores que acabam por serem exemplos de tal conceito. E bem aqui, nesta pesquisa, podemos considerar o jovem Roger Casement como mais um para a lista do autor. As ideias europeias, inicialmente compartilhadas por Casement, que circulavam sobre ir à África possuíam um grande peso etnocêntrico, mesmo quando Roger não compreendia muito bem a sua missão, acreditava fielmente que “- tal como a Europa, com o Ocidente, como o mundo – o grande monarca humanitário, decidido a acabar com as chagas que eram a

³⁹ TODOROV, Tzvetan *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1993. P. 21.

⁴⁰ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1993. P. 21.

escravidão e a antropofagia e a libertar as tribos do paganismo e da servidão que as mantinham em estado selvagem” (LLOSA, 2011, p. 35)

As características dadas aos nativos afastam-nos das características dos europeus, e assim estão fadados ao estado “selvagem”, quase um sinônimo para a noção de barbárie que Todorov apresenta em seu texto, quando cita passagens de Pascal e La Bruyère, que faz um parâmetro entre as noções de etnocentrismo e barbárie sendo contrária à razão e à verdade, como destaco abaixo:

O raciocínio de Pascal é circular, e nisso é exemplar do espírito etnocêntrico: de início definem-se os valores absolutos a partir de seus próprios valores pessoais, e finge-se em seguida julgar seu próprio mundo com a ajuda de um falso absoluto.⁴¹

Casement, após anos de vivência no Congo e começando a mudar os seus valores, começa assim a se questionar, ainda arraigado aos valores europeus aos quais se formou como é:

“Entretanto, pelo menos na teoria, a chamada ‘civilização’ tinha muito de verdade. Não eram atrozes as condições de vida dos nativos? Seus níveis de higiene, suas superstições, sua ignorância das noções de saúde mais básicas não os faziam morrer como moscas? Não era trágica aquela vida de mera sobrevivência? A Europa tinha muito a contribuir para que eles saíssem do primitivismo. Para que abandonassem certos costumes bárbaros, como o sacrifício de crianças e doentes, por exemplo, em tantas comunidades, as guerras nas quais se matavam uns aos outros, a escravidão e o canibalismo que ainda eram praticados em alguns lugares. E, além do mais, não era bom para eles conhecer o verdadeiro Deus cristão, o Deus da piedade, do amor e da justiça?” (LLOSA, 2011, p.56).

Casement, mesmo já iniciando uma desconstrução de valores, ainda se apegava às noções sociais e morais que carrega em si. A religião ainda é tratada por este, como

⁴¹ TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1993. P. 24.

pacífica, a catequização dos nativos – tanto no Congo, quanto posteriormente, no Peru, ainda lhe surge como positiva – a violência que este enxerga está fixada na física.

Sobre a questão moral, Todorov inicia uma análise sobre o Cientificismo, que este entende como conceito ainda mais perigoso do que o Etnocentrismo. Partindo da pluralidade de sociedades existentes, Todorov busca compreender como se dá a noção de valores morais, seriam estes também diversos? O autor direciona-se a Diderot, analisando como este discute sobre a noção de moral, e na tentativa de universalizar este conceito gera julgamentos em relação ao que é diferente do que compreende como digno – a volta ao Etnocentrismo. Todorov então questiona:

Não devemos, como quer o relativista, proibir-nos de julgar os costumes de um país estrangeiro, mas não devemos tampouco contentarmos-nos em aplicar-lhe as normas do nosso próprio país, como faria o etnocêntrico; precisamos encontrar um ideal universal. Por outro lado, os termos de que se serve Diderot para descrever as duas sociedades, para louvar o “Taiti” e condenar a Europa, estão, todos eles, carregados de julgamentos e portanto implicam na existência de valores.

Roger Casement, após sua juventude e a vivência no Congo, chega “à conclusão de que o herói da sua infância e juventude era um dos trapaceiros mais inescrupulosos que o Ocidente excretou sobre o continente africano. (...) Ele ia e vinha pela África espalhando por um lado a desolação e a morte – queimando e saqueando aldeias, fuzilando nativos, esfolando as costas dos carregadores com os chicotes de tiras de pele de hipopótamo que tinham deixado milhares de cicatrizes nos corpos de ébano de toda a geografia africana” (LLOSA, 2011, 36). O que fez com que Roger mudasse sua opinião? A própria África assim fez.

Seguindo para outro livro de Todorov, este intitulado “A Conquista da América – A questão do outro”.⁴² Observamos questões sobre o processo colonizador da América, pelos espanhóis, e o autor cria conceitos que superam o etnocentrismo europeu e busca compreender as relações que se dão. Assim como iremos fazer com Casement.

⁴² TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

A partir do momento que Roger chega à África, este está constituído como pessoa, Roger se compreende nos valores europeus e cristãos. E ao conviver com outros, os nativos, e presenciar a violência contra estes, começa a questionar o processo de colonização, que antes defendia, a partir de uma ideologia, como tratada acima, etnocêntrica. Ao passo que se depara com o “outro”, o nativo, e a violência que este sofre com o processo de colonização é que Roger Casement surge como defensor do mesmo, e mais ainda, Casement entende-se como um outro também – surgindo seu novo eu: aquele que quer libertar a Irlanda da colonização britânica. No diálogo com Víctor Israel, Roger explicita uma nova visão sobre os índios:

“ – Estou me referindo ao ponto de vista daqueles que o senhor chama de selvagens – explicou Casement, num tom casual, como se falasse do tempo ou dos mosquitos. – Ponha-se no lugar deles um instante. Lá estão, nas suas aldeias, onde viveram durante anos ou séculos. Um belo dia chegam uns senhores brancos ou mestiços com espingardas e revólveres e exigem que eles larguem suas famílias, seus cultivos, suas casas para ir apanhar borracha a dezenas ou centenas de quilômetros, em benefício de estranhos cujo único argumento é a força de que se dispõem. O senhor iria de boa vontade recolher a famosa seringa, don Víctor?” (LLOSA, 2011, p.181).

Roger, ainda reflete:

“que a imensa maioria dos brancos e mestiços de Iquitos, peruanos e estrangeiros, pensava como Víctor Israel. Para eles os índios amazônicos não eram, propriamente falando, seres humanos, e sim uma forma inferior e desprezível de existência, mais próxima dos animais que dos civilizados. Por isso era legítimo explorá-los, chicoteá-los, sequestrá-los, arrastá-los para os seringais ou, quando resistiam, matá-los como cães raivosos. Essa era uma visão dos índios tão generalizada que como dizia o Padre Ricardo Urrutia, ninguém se espantava ao ver que os domésticos de Iquitos eram meninas e meninos roubados e vendidos às famílias locais pelo equivalente a uma ou duas libras esterlinas. A angústia o obrigou a abrir a boca e respirar fundo até que o ar chegasse ao seus pulmões.” (LLOSA, 2011, p. 183)

Roger compreende o outro quando também compreende o etnocentrismo como negativo. Continuando com as análises de Todorov, estes conceitos de “eu” e “outro” são justamente de sua obra *A conquista da América: A questão do Outro*, a qual o autor trata sobre a chegada de Colombo à América, e a partir do contato dos espanhóis com os indígenas, Todorov discorre sobre estes dois conceitos e como eles podem se transformar. Como no início de seu texto:

Quero falar da descoberta que o eu faz do outro. (...) Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. (...) Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.⁴³

Assim, Todorov inicia sua narrativa sobre como a chegada dos espanhóis na América pode trazer a temática destes conceitos à tona. Passemos para a chegada de Roger Casement na África e na Amazônia peruana. Seu primeiro momento, como já tratamos, foi extremamente arraigado aos valores europeus de superioridade dos mesmos, abarcando os conceitos de etnocentrismo discutidos aqui a partir de Todorov. O segundo momento, se passa na transição de Casement, questionando-se sobre os valores europeus em relação a colonização, e iniciando a defesa contra a violência sofrida pelos nativos de ambos os lugares destacados. Roger Casement percebe a empresa colonizadora, o interesse primeiro pelo comércio, pelo lucro, e cada vez mais se distancia do *eu* de sua juventude. Todorov aproxima-se desta questão:

⁴³ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. P.03.

O desejo de enriquecer não é evidentemente novo; a paixão pelo ouro nada tem de especificamente moderno. O que é um tanto moderno é a subordinação de todos os outros valores a esse. O conquistador ainda aspira aos valores aristocráticos, títulos de nobreza, honra, e estima; mas, para ele, tornou-se perfeitamente claro que tudo pode ser obtido através do dinheiro, que este não somente é o equivalente universal de todos os valores espirituais.⁴⁴

A transformação do *eu* de Casement se faz no público, observando a máquina da colonização e compreendendo a proximidade do *outro* – nativo - de si mesmo, se mantém seus desejos sexuais, e acabam, por tamanha voracidade, extrapolar a própria imaginação, ganham um lugar externo a Roger: um diário.

2.2 A Condição humana de Casement: sobre o íntimo

O livro *O Sonho do Celta* inicia-se com Roger Casement já na prisão, aguardando resposta de um pedido de clemência ao governo inglês. Recebe a visita do ajudante de seu advogado, lhe trazendo péssimas notícias:

“ – Agora ficou mais difícil, talvez impossível, ganhar – repetiu o ajudante do advogado. Estava pálido, reprimindo a indignação, e Roger adivinhava sua caveira sob a pele esbranquiçada do rosto. Pressentiu, às suas costas, que o xerife sorria.

- De que está falando? O senhor Gavan Duffy estava otimista em relação à petição. O que aconteceu para que ele mudasse de opinião?

- Os seus diários – articulou o jovem, fazendo outra careta de desgosto. Ele havia abaixado o tom de voz e Roger tinha dificuldade para ouvir – A Scotland Yard os descobriu, na sua casa em Ebury Street.” (LLOSA, 2011, p.15)

Esse diário de Casement surgirá em outros momentos de sua vida, interligado à sua homossexualidade. Em suas viagens tanto pelo Congo, quanto pelo Peru, Roger escrevia no diário sobre seus encontros com homens, alguns reais, outros que vinham do

⁴⁴ TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. P.206.

seu desejo de algo não realizado. Mas a questão não se faz partindo de descaracterizar as escritas que não foram concretas, pois sendo o desejo concreto, o diário mantém sua função – a de expressar aquilo que a Casement era íntimo.

Quando tratamos sobre a noção de íntimo, retomamos os conceitos das esferas sociais: o público, o privado e íntimo. Estas que sofrem grandes modificações com o passar do tempo. Sobre tal temática, podemos recorrer a Hannah Arendt e sua análise em “A Condição Humana”.

Ao expressar sobre os domínios públicos e privados, Arendt interliga o conceito de *vita activa*⁴⁵ à compreensão do homem: este que está relacionado ao mundo que gera e que ocorre devido a convivência dos homens em sociedade, e principalmente ao compreender a ação como aquela que é necessariamente composta pela convivência entre homens e que parte apenas destes. Como expressa:

A *vita activa*, a vida humana na medida em que está ativamente empenhada em fazer algo, está sempre enraizada em um mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente. As coisas e os homens constituem o ambiente de cada uma das atividades humanas, que não teriam sentido sem tal localização; e, no entanto esse ambiente, o mundo no qual nascemos, não existiria sem a atividade humana que o produziu.⁴⁶

A discussão sobre a esfera do público e do privado surge juntamente com a *pólis* grega, antes desta, o homem vive unicamente na esfera privada, que a autora demonstra como comum à necessidade da vida biológica, o que difere o homem do animal seria a capacidade de organização política e esta abrange o espaço da *pólis*, o espaço público o qual o discurso político se sobrepõe a força, violência. Sobre a *pólis* Arendt acrescenta:

⁴⁵ Vita activa, para Arendt, trata sobre atividades humanas, estas: o trabalho, a obra e a ação, sendo o primeiro ligado às atividades biológicas do corpo humano assegurando sua sobrevivência, a segunda à aquelas que não se ligam naturalmente a vida do homem garantindo sua permanência, que gera um mundo artificial e a última são as atividades que se ocorrem entre os homens e está relacionada a criação da condição para a lembrança, e assim sendo, para a História.

⁴⁶ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 26.

Na experiência da pólis, que tem sido considerada, não sem razão, o mais loquaz dos corpos políticos, e mais ainda na filosofia política que dela surgiu, a ação e o discurso separam-se e tornam-se atividades cada vez mais independentes. A ênfase passou da ação para o discurso, e para o discurso como meio de persuasão e não como a forma especificamente humana de responder, replicar e estar à altura do que aconteceu ou do que foi feito.⁴⁷

Assim Arendt difere o espaço público - da pólis, da política, do discurso, da igualdade - do espaço privado - da família, da necessidade e da desigualdade.

Hannah Arendt apresenta a transformação da noção de público e privado no século XIX, e como estas levam as máscaras utilizadas no público, também para o privado, fazendo com que, o indivíduo, no seu íntimo não distingue até onde as máscaras o constituem. A sociedade, para esta autora, é a que vigora de forma ainda mais impositiva para com o homem.

(...) no mundo moderno, os domínios social e político diferem muito menos entre si. O fato de que a política é apenas uma função da sociedade – de que a ação, o discurso e o pensamento são, fundamentalmente, superestruturas assentadas no interesse social não foi descoberto por Karl Marx; pelo contrário, foi uma das premissas axiomáticas que Marx recebeu acriticamente dos economistas políticos da era moderna⁴⁸

O que leva esta mudança é primeiramente a transformação do espaço e da noção de trabalho que se segue. Como Arendt trata:

(...) o novo domínio social transformou todas as comunidades modernas em sociedades de trabalhadores e empregados; em outras palavras, essas comunidades concentraram-se imediatamente em torno da única atividade necessária para manter a vida. (...) A sociedade é formada na qual o fato da dependência mútua em prol da vida, e de nada mais, adquire importância pública, e na qual se permite atividades relacionadas com a mera sobrevivência apareçam em público.⁴⁹

⁴⁷ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 31

⁴⁸ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 39

⁴⁹ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 56

O espaço privado, para a autora, passa abrigar o que é íntimo, e o que antes o era, passa a estar no espaço público. E sobre o espaço público o autor Richard Sennett também faz suas ponderações que vão ao encontro do que Arendt trata. Em “O declínio do Homem público: as tiranias da intimidade”⁵⁰, o autor trata sobre como a inserção dos sentimentos, que antes pertenciam à esfera privada, e através da introdução de questões pertencentes à psique trarão, por exemplo, o amor e o erotismo à esfera pública.

Retomando sobre o diário de Casement, esta é a sua esfera íntima concretizada em objeto, que expressa seus desejos sexuais, espontâneos, que permeavam inclusive seus sonhos.

“Sonhou com sua mãe, num lado de Gales. Um sol tênue e esquivo brilhava entre as folhas dos altos carvalhos e, agitado, com palpitações, viu surgir o jovem musculoso que tinha fotografado aquela manhã no cais de Iquitos. (...) Seu torso estava molhado pelo lago de cujas águas tinha acabado de emergir como um deus lacustre. A cada passo que dava seus músculos se destacavam e em seu rosto havia um sorriso insolente que o fez estremecer e gemer no sonho. Quando acordou, viu com nojo que tinha ejaculado. Lavou-se e trocou de calça e de cueca. Sentia-se envergonhado e inseguro.” (LLOSA, 2011, p.144).

E justamente quando o diário vai a público, Roger perde qualquer chance de conseguir o perdão do governo britânico. Mas, se este é seu espaço íntimo, o que o Estado e a Sociedade deveriam cobrar? Em primeiro plano, quando a esfera íntima passa a prevalecer no público – a exposição do diário a toda a sociedade – ela rompe com as estruturas do público, a punição é a forma de reverter o dano causado, a anulação daquele que modificou a configuração dos espaços sociais. A segunda questão trata sobre a sociedade como limitante das ações espontâneas do homem, parte de Hannah Arendt:

Um fator decisivo é que a sociedade em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de ação, que outrora era excluída do lar doméstico. Ao invés de

⁵⁰ SENNETT, Richard. O domínio público. In: O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record: 2014. (versão e-book para Kindle) Posição: 96 – 695.

ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os seus membros, a fazê-los comportarem-se, a excluir a ação espontânea ou a façanha extraordinária.⁵¹

É justamente ao substituir a ação pelo comportamento que se insere ainda mais veemente um âmbito moral, ligado as esferas reguladoras da mesma, como por exemplo a Igreja. E estes sentimentos estão intrinsicamente formatados em cada indivíduo, como a passagem a cima, em que Casement sente nojo de sua ejaculação ao sonhar com um homem pelo qual sentiu desejo. Essa sociedade limitadora está totalmente ligada as esferas sociais e ao homem Europeu. O território do outro, o encontro com as tribos de nativos, na África e no Peru praticamente a anulavam, mesmo que o desejo de levar as regras e pilares da sociedade europeia para tal espaço, vê-se que justamente a violência presenciada por Casement liga-se, além do etnocentrismo, ao não reconhecimento da organização social que se tem no território europeu. O homem vê-se livre da sociedade limitante, e mesmo que o mesmo, no caso dos europeus e senhores envolvidos neste período levando estes objetivos consigo – lógico que com o objetivo comercial em primeiro lugar – ainda assim, o encontro com o outro, distante destas noções, as ações espontâneas frequentam os lugares públicos, e só são abafadas com a chegada de Casement e sua comissão para averiguar tais comportamentos, como comenta o Doutor Dickey com Roger:

“ – A maldade está em nossa alma, meu amigo – dizia, meio de brincadeira, meio a sério. – Não vamos nos livrar dela tão facilmente. Nos países europeus e no meu ela é mais disfarçada, só se manifesta à luz do dia quando há uma guerra, uma revolução, um motim. Precisa de pretextos para se tornar pública e coletiva. Na Amazônia, pelo contrário, pode mostrar a cara e cometer as piores monstruosidades sem as justificativas do patriotismo ou da religião. Simplesmente a cobiça, nua e crua. A maldade que nos envenena está em qualquer lugar onde haja seres humanos, e tem raízes bem profundas nos nossos corações.” (LLOSA, 2011, p.258).

⁵¹ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 49

Sobre a questão da maldade, mais especificamente, ousou acrescentar, que esta surge como uma ação espontânea devido ao que a própria sociedade moderna regula no meio público – os valores etnocêntricos, as normas impostas pela religião e pelo Estado, é daí que vem o fator da violência surgir, fora do território limitador, como ação espontânea. A violência da morte de Casement é causada justamente por estes reguladores da sociedade moderna ocidental.

Roger Casement se faz múltiplo, um *eu* diferente para cada esfera social, percebe-se deste modo, e com o tempo e suas experiências denunciando as violências contra os nativos, percebe o outro, transforma-se a partir deste *outro*. Ao olhar para si, se descobre também um *outro*, inserido dentro de uma sociedade controladora e que limita seus desejos e impulsos – que assim como a violência para com os europeus e outros colonizadores, em terras estrangeiras acaba por aflorar mais vezes e em público -. Em seu retorno, não mais consegue retornar ao *eu* anterior, não mais se identifica em pertencente à sociedade britânica. Assim busca os outros, de sua origem inicial, a Irlanda, e para afirmar a sua identidade, também quer afirmar a identidade Irlandesa, luta contra o domínio britânico, é capturado, preso e condenado a morte, por ser um traidor? Não, pois aquele único *eu* que não mudou, seu *eu* íntimo, foi descoberto pelos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões desenvolvidas neste trabalho façamos algumas ponderações e relações um pouco ambiciosas e que necessitam de reflexão. A trajetória que esta pesquisa tomou revelam questões tanto sobre a Literatura, sobre a História e a relação de ambas. Tentou-se, a partir do que foi considerado sobre a Literatura com Derrida e Blanchot, não subjugá-la à História, tratando-a como uma ilustração do que em primeiro plano é debatido historicamente. Se houve sucesso em tal metodologia? Fico com uma resposta dúbia, mas, partindo das considerações sobre a relação da Literatura com outras áreas, faz-se satisfatória a conexão desta com a História partindo sempre da narrativa da primeira para fazer surgir os conceitos da segunda. Poderíamos pensar em uma História dependente da Literatura neste caso?

O Sonho do Celta está presente em toda esta pesquisa, se faz principal, e complementa-se pelas discussões dos teóricos, as questões aqui abordadas dizem sobre a sociedade moderna, e tentamos entender a relação entre as mudanças das esferas sociais e da constituição de uma sociedade reguladora que dita valores morais, estes que se transformam quando as noções de *eu* e *outro* são aproximadas e reveladas as semelhanças entre suas diferenças.

Além das conclusões de cada etapa desta pesquisa, penso sobre uma relação mais próxima entre ambos os capítulos. Levando em conta as questões apresentadas sobre a Literatura a partir de Derrida e Blanchot, os conceitos de Todorov. Poderíamos, talvez, após num momento de coragem (ou loucura), relacionar as duas questões que sustentaram esta pesquisa? O silêncio surge como um sim: se entendemos que a Literatura se transforma a partir do momento que enxergamos um destino a esta, a transformação surge no momento em que o *eu* da Literatura – a sua narrativa por vir – encontra-se com o *eu*, por exemplo, mais que óbvio, da História e ambas ao compreender a *outra* se transformam.

Tentam definir um papel limitado e conclusivo tanto para a Literatura quanto para a História no mundo, quase um processo de colonização teórica e esta em alguns casos se faz brutal. A História já inicia um processo de abertura, lento e doloroso, com as noções de narrativa literária que White percorre. E a Literatura? Como, eu, uma historiadora compreendo a Literatura? Entendo-a como algo nada literal, a Literatura tanto é dragão quanto moinho, é Capitu: traidora e inocente, A Literatura se faz como uma biblioteca de Babel – infinita em si e que tortura aquele que busca compreender seu

todo, pois este todo nunca se findará, engole aquele que não compreende sua infinidade. A Literatura é sertão, que esconde na sensação de distância sua multiplicidade que ao mesmo tempo nos é tão próxima. E a História? Como nós historiadores a estamos enxergando?

EPÍLOGO

L'amour est comme l'oiseau de Twitter
On est bleu de lui, seulement pour 48 heures
D'abord on s'affilie, ensuite on se follow
On en devient fêlé, et on finit solo
Prends garde à toi
Et à tous ceux qui vous like
Les sourires en plastiques
Sont souvent des coups d'hashtag
Prends garde à toi
Ah les amis, les potes ou les followers
Vous faites erreur, vous avez juste à la cote⁵²

Stromae

Sobre o segundo tópico do segundo capítulo, partindo das interações entre as esferas sociais, e as mudanças nestas ocorreram, Casement perde sua esfera íntima – o diário – e a perda desta esfera o anula publicamente, afinal a lógica das máscaras da modernidade foi quebrada.

E atualmente, no século XXI? Estas esferas ainda se fazem as mesmas? Ainda possuímos uma esfera íntima que não se deve ir a público? Nossas máscaras são igualmente rígidas? Através do livro *O show do eu – a intimidade como espetáculo*, de Paula Sibília,⁵³ o qual ocorre uma discussão sobre o deslocamento do que se entende como esfera privada e íntima, para o público. A “construção de si” ganha novos territórios: o fora – a externalização de si, aos olhos da sociedade – o que vale destacar, fazendo grande uso das redes sociais que hoje são utilizadas pela maioria da população mundial diariamente. E este si externo, de acordo com Sibília, gera uma extrema solidão diante da indiferença para com as “pessoas reais”. O “eu moderno” não mais soberano na sociedade, a sensação de vazio existencial, solidão, uma fragilidade em relação a si mesmo, poderíamos relacionar com as crises de identidade que surgem na atualidade?

⁵² O amor é como o pássaro do Twitter/ Nos apaixonamos por ele somente por 48 horas/ Primeiro você se registra e depois você segue/ Você se vicia nele e acaba sozinho/ Cuide de si mesmo/ E de todos aqueles que você gosta/ Os sorrisos em plástico/ São muitas vezes cheios de hashtag/ Cuide de si mesmo/ Oh amigos, colegas ou seguidores/ Não se engane, você só tem uma parte.

⁵³ SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANKERSMIT, Franklin Rudolf. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2016
- ARAUJO, Joana Luíza Muylaert de. A teoria literária entre práticas e saberes: novas estratégias, múltiplos objetos. In: Ipotesi, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, pág. 11 - 20, jan/jun 2007
- ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014
- LLOSA, M. V. El sueño del celta. Buenos Aires: Alfaguara, 2010.
- ROBERT, Marthe. Romance das Origens, origens do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2007
- SENNETT, Richard. O declínio do homem público. Rio de Janeiro: Record: 2014
- SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008
- SIMIÃO, Suelen Caldas de Sousa. In: O que fazem os historiadores quando (re)descobrem a literatura?: Catálogo de Teses e Dissertações (1990-2010). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. 2015.
- TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010
- WHITE, Hayden. Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 (Coleção Ponta, v. 4)